

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS**

**PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**A PSICOSE COMO ESCOLHA DE UMA POSIÇÃO SUBJETIVA:  
da “escolha da neurose” em Freud à estrutura e os modos de gozo em Lacan**

Camila Alvarenga Côrtes

Belo Horizonte

2010

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Camila Alvarenga Côrtes

**A PSICOSE COMO ESCOLHA DE UMA POSIÇÃO SUBJETIVA:  
da “escolha da neurose” em Freud à estrutura e os modos de gozo em Lacan**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação *strictu sensu* – Mestrado em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Processos de subjetivação

Linha de pesquisa: Intervenções clínicas e sociais

Orientadora: Profa. Dra. Ilka Franco Ferrari

Belo Horizonte

2010

FICHA CATALOGRÁFICA  
Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

C828p Côrtes, Camila Alvarenga  
A psicose como escolha de uma posição subjetiva: da “escolha da neurose” em Freud à estrutura e os modos de gozo em Lacan / Camila Alvarenga Côrtes. Belo Horizonte, 2010.  
89f. : il.

Orientadora: Ilka Franco Ferrari  
Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

1. Psicoses. 2. Escolha (Psicologia). 3. Subjetividade. 4. Psicanálise. 5. Freud, Sigmund, 1856-1939. 6. Lacan, Jacques, 1901-1981. I. Ferrari, Ilka Franco. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

CDU: 159.964.2

Camila Alvarenga Côrtes

**A PSICOSE COMO ESCOLHA DE UMA POSIÇÃO SUBJETIVA:  
da “escolha da neurose” em Freud à estrutura e os modos de gozo em Lacan**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação *strictu sensu* – Mestrado em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Processos de subjetivação

Linha de pesquisa: Intervenções clínicas e sociais

---

Ilka Franco Ferrari (Orientadora) – PUC Minas

---

Frederico Feu de Carvalho – FUMEC

---

Cristina Moreira Marcos – PUC Minas

**Belo Horizonte, 05 de março de 2010**

*Para Rafael,  
com amor.*

## **Agradecimentos**

À Ilka Franco Ferrari pela leitura e orientação sempre atentas, a aposta e confiança em meu trabalho.

A Rafael pelo apoio incondicional e estímulo constante que tornaram possível a realização desta dissertação, por acreditar na possibilidade do meu crescimento profissional nesta empreitada e por estar sempre ao meu lado.

À Elisa Alvarenga por sustentar um lugar, um desejo e uma possibilidade de trabalho.

À Andréa Guerra pela disponibilidade e interesse em discutir sobre o tema.

A Frederico Feu pelas indicações preciosas sobre o decurso da dissertação.

À Cristina Marcos, pela prontidão em realizar uma leitura atenciosa do texto e pelo levantamento de questões importantes da pesquisa.

Aos colegas e professores do Mestrado da PUC-Minas com os quais dialoguei sobre o tema e de alguma forma suscitaram questões e pontos essenciais a serem pesquisados.

À Marília e Celso, que tornaram esta caminhada mais possível, pela ajuda em resolver as questões mais chatas e burocráticas com ânimo e boa vontade.

Aos amigos e familiares sempre presentes que, por sua curiosidade, lançam perguntas sobre a Psicanálise, que servem como impulso para minhas pesquisas. Obrigada pelo apoio.

*Se, “de nossa posição de sujeito, somos sempre responsáveis.” Em que sentido sou responsável por minha psicose, por minha perversão e por minha neurose? Que significa isso? Qual é essa responsabilidade? Isso poderia conduzir-nos a pensar o sujeito como causa da estrutura clínica, como se houvesse uma eleição livre de sua clínica por parte do sujeito. Quando, na realidade, o gozo é que elege o sujeito. (MILLER, 1997, p.347)*



## Resumo

Esta dissertação trabalha a questão da psicose como escolha de uma posição subjetiva. O trabalho se desenvolve a partir de uma pesquisa teórica nas obras de Freud e Lacan, utilizando-se também textos de outros autores que esclarecem algo sobre o tema, realizando uma leitura interpretativa dos textos. Estabeleceu-se como objetivo geral investigar, em diversos momentos do ensino de Freud e de Lacan, a psicose como escolha de uma posição subjetiva. Como objetivos específicos considerou-se a localização da origem da construção da escolha pela psicose a partir das formalizações freudianas sobre a escolha da neurose, a averiguação, nas duas clínicas de Lacan, das elaborações sobre a constituição subjetiva que pudessem levar à sustentação de uma escolha pela psicose, bem como a articulação das formalizações de Freud e Lacan sobre o tema, de modo a elaborar uma produção sobre o problema levantado. O percurso realizado iniciou-se nas primeiras elaborações de Freud, anteriores à criação da psicanálise, quando aparece a expressão “escolha da neurose”, passando pela primeira e segunda tópica, em pontos que iluminam o estudo proposto. A pesquisa prossegue por meio das formalizações da primeira clínica de Lacan e finaliza na segunda clínica deste autor. A importância de se trabalhar o tema proposto centrou-se em poder deixar mais preciso o fato de que não se pode tomar a psicose como algo imposto ou determinado geneticamente ou pela hereditariedade, bem como uma forma de culpabilização dos pais, pela existência de sujeitos psicóticos. A conclusão a que se chegou está de acordo com o propósito ético da psicanálise, que visa a responsabilização do sujeito e não a culpabilização da família, da sociedade ou da biologia, ao entender a psicose como uma escolha, um posicionamento subjetivo em que o vivente, o sujeito em constituição, tem participação ativa. Por isso a psicanálise pode contribuir de forma importante no entendimento da psicose não como déficit ou doença, mas como uma das formas de subjetividade ou modo de gozo.

**Palavras-chave:** psicose; escolha; posição subjetiva; psicanálise; Freud; Lacan.

## **Abstract**

This dissertation works the question of psychosis as choice of a subjective position. The work develops from a theoretical research in the works of Freud and Lacan, using also texts of other authors that clarify something about the subject, performing an interpretative reading of the texts. Was established as a general objective to investigate, at various times of teaching of Freud and Lacan, psychosis as the choice of a subjective position. As specific objectives it was considered the location of the origin and construction of the choice by psychosis from a Freudian formalization about the choice of neurosis, the investigation of the two clinical of Lacan, the elaborations on the subjective constitution which would lead to the buoyancy of a choice by psychosis, as well as the articulation of Freud and Lacan formalization about the theme, in order to elaborate a production about the problem. The passage start out on the first elaborations of Freud, before the creation of psychoanalysis, when appears the expression “choice of neurosis”, passing by the first and second topical points that illuminate the proposed study. The search continues through the formalizations of the first clinical Lacan and ends in the second clinic of this author. The importance to work at focused theme is the fact that it cannot take the psychosis as something genetically or determined by heredity, as well as a way to blame the parents about the existence of people psychotic. The conclusion reached is in accordance with the ethical purpose of psychoanalysis, which aims at empowerment of the subject and not blaming the family, society or biology, to understand the psychosis as a choice, a subjective stance in which the living being, the subject in constitution, has been active. Hence psychoanalysis can contribute significantly to the understanding of psychosis rather than deficit or disease, but as one of the forms of subjectivity or mode of enjoyment.

**Keywords:** psychosis; choice; the subjective position; psychoanalysis; Freud; Lacan.

## **Lista de ilustrações e tabelas**

Figura 1: Esquema das ocorrências de cenas sexuais na infância em Freud .....	19
Figura 2: Esquema da fixação libidinal em um ponto do desenvolvimento .....	27
Figura 3: Esquema da metáfora paterna .....	49
Figura 4: Esquema L da “Questão preliminar” .....	50
Figura 5: Operação de alienação .....	56
Figura 6: Operação de separação .....	57
Figura 7: Substituição do gozo pelo simbólico anterior à metáfora paterna .....	64
Figura 8: Do nó borromeano ao nó de trevo .....	67
Figura 9: Os três anéis separados e, depois, ligados pelo sintoma, o quarto .....	68
Figura 10: Esquema do aparelho psíquico da “Carta 52” .....	75

## Lista de siglas e abreviaturas

Ics - Inconsciente

Pcs - Pré-consciente

Cs - Consciente

A - Outro (grande Outro)

\$ - sujeito barrado

~~A~~ - Grande Outro barrado

DM - Desejo-da-Mãe

G - gozo

W - *Wahrnehmungen* (percepções)

Wz - *Wahrnehmungszeichen* (indicação da percepção)

Ub - *Unbewusstsein* (inconsciência)

Vb - *Vorbewusstsein* (pré-consciência)

Bews - *bewusstsein* (consciência)

Orgs. - organizadores

Coord. - coordenador

Ed. - editor

## Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. FREUD E A QUESTÃO DA “ESCOLHA DA NEUROSE”.....	16
2.1. Na correspondência com Fliess: formulações sobre a etiologia das neuroses.....	16
2.1.1. <i>O problema da hereditariedade</i> .....	22
2.2. Na primeira tópica: a teoria da libido.....	23
2.2.1. <i>Os primórdios: o auto e o alo-erotismo</i> .....	24
2.2.2. <i>A “escolha da neurose” e os pontos de fixação da libido</i> .....	25
2.2.3. <i>A “escolha da neurose” e os dois princípios do funcionamento                 psíquico: retorno às relações do sujeito com a realidade</i> .....	28
2.3. Na segunda tópica.....	32
2.3.1. <i>Neurose X Psicose: o ponto de vista do conflito</i> .....	34
2.3.2. <i>As funções do juízo</i> .....	38
2.3.3. <i>Verdrängung, Verleugnung, Verwerfung e a realidade em                 questão</i> .....	40
3. A PRIMEIRA CLÍNICA DE LACAN: “NÃO FICA LOUCO QUEM QUER”.....	43
3.1. A “escolha” e seu “sujeito”.....	44
3.2. Nos antecedentes de Lacan: “a insondável decisão do ser”.....	45
3.2.1. <i>A constituição do Eu no estágio do espelho</i> .....	47
3.3. A psicose no primeiro ensino: <i>Verwerfung</i> , a forclusão do Nome-do- Pai.....	49
3.3.1. <i>A escolha da neurose como primeiro assento da orientação                 subjéctiva</i> .....	52
3.3.2. <i>O objeto a na constituição subjéctiva</i> .....	53
3.4. O segundo ensino e a escolha forçada.....	55
3.4.1. <i>As operações de alienação-separação e a estruturação da                 psicose</i> .....	55
3.4.2. <i>A relação do sujeito ao saber, ao gozo e ao objeto a</i> .....	60
3.4.3. <i>A relação ao gozo do Outro na constituição subjéctiva</i> .....	61
4. A SEGUNDA CLÍNICA DE LACAN: “TODO MUNDO É LOUCO, QUER DIZER, DELIRANTE”.....	63
4.1. <i>Lalíngua</i> e a relação do <i>falasser</i> ao gozo.....	63
4.1.1. <i>A pluralização do Nome-do-Pai</i> .....	65
4.1.2. <i>A ex-sistência</i> .....	66
4.2. Da estrutura ao nó: da metáfora paterna ao <i>sinthoma</i> .....	67
4.3. A forclusão generalizada.....	70
4.3.1. <i>A escolha entre loucura e debilidade mental</i> .....	71
4.4. O gozo elege o sujeito.....	72
4.4.1. <i>A pulsão e a constituição subjéctiva</i> .....	74
5. CONCLUSÃO.....	78
REFERÊNCIAS .....	80

## 1. INTRODUÇÃO

Pensar na psicose como escolha de uma posição subjetiva remonta a uma questão que Freud começou a pesquisar antes mesmo da criação da psicanálise. Percebendo que as neuroses não tinham uma causalidade orgânica, como a Medicina da época e até mesmo a atual gostariam de sustentar, ao investigar a etiologia das neuroses ele se propõe a seguinte questão: “Tenho diante de mim o problema da ‘escolha da neurose’. Quando é que uma pessoa se torna histérica em vez de paranóica?” (FREUD, 1899/1980, p.377), que serve como ponto de partida para esta pesquisa.

Lacan (1965/1998, p.873) afirmava que “Por nossa posição de sujeito, sempre somos responsáveis” e Miller (1997, p.347), ao comentar essa frase, questiona: “Em que sentido sou responsável por minha psicose, por minha perversão e por minha neurose? Que significa isso? Qual é essa responsabilidade?”. Lacan ainda dizia, em diversos momentos de seu ensino, que havia alguma atividade do sujeito em relação à própria constituição psíquica. E isso, como se viu acima, já estava em Freud, ao dizer de uma escolha.

O tema deste trabalho pode ser situado, então, como o que se pode entender como uma escolha pela psicose, ou a psicose como sendo uma escolha de uma posição subjetiva, a partir das referências nas obras de Freud e Lacan e, a partir desses pontos, surge o problema que orienta o caminho desta dissertação.

A partir do que Freud ensinou sobre a escolha da neurose, pode-se pensar na escolha da psicose? É correto pensar que o sujeito tem alguma participação em sua constituição subjetiva, a partir da afirmação lacaniana sobre a responsabilidade do sujeito em sua posição? Quando se fala em *sujeito*, já se considera um sujeito constituído, então, como pensar que o próprio sujeito, como efeito dessa escolha, é também responsável por ela?

Os objetivos deste trabalho são pesquisar a psicose como escolha de uma posição subjetiva, a partir das formalizações encontradas nas obras de Freud e Lacan, passando pela localização, em Freud, da origem da construção da escolha pela psicose, a partir de suas formalizações sobre a escolha da neurose; a investigação das elaborações lacanianas, nos diversos momentos do seu ensino, a respeito da constituição subjetiva que possam levar à sustentação da psicose como uma escolha e a articulação das formalizações dos dois autores sobre o tema, de modo a elaborar uma produção sobre o problema levantado.

A investigação da psicose como escolha subjetiva visa esclarecer as questões levantadas para a pesquisa e torná-las acessíveis aos leitores interessados no tema, favorecendo aos profissionais que trabalham com psicóticos.

A importância de se pensar a psicose como uma escolha e não como imposição, ou algo genético ou hereditário, como defendem algumas abordagens da Psicologia, tais como o cognitivismo ou a neuropsicologia, tem relação com um propósito ético da psicanálise, voltado à clínica e à prática do analista, que visa justamente a responsabilização do sujeito por seu sofrimento, seu modo de gozo e seu próprio tratamento.

Este estudo contribui para que se pense melhor sobre os atos que visam culpabilizar a família, a sociedade ou a genética pela existência de sujeitos psicóticos, como também daquilo que isto implica para a própria família, a condução do tratamento desses sujeitos e os serviços de saúde.

Trata-se de uma pesquisa teórica, referenciada em uma leitura interpretativa e crítica dos textos (MARCONI E LAKATOS, 2001). A leitura interpretativa seguiu o caminho proposto por Gadamer, citado por Figueiredo (1999), de modo a estabelecer um diálogo entre os pressupostos da pesquisadora e as informações dos textos. Assim, partiu-se de uma pré-compreensão que se tinha acerca do tema proposto, realizando um choque entre ela e o conteúdo dos textos lidos, na tentativa de provocar o que Gadamer chama de fusão de horizontes.

A hermenêutica gadameriana aproxima a compreensão da interpretação, e aponta para a presença da singularidade do pesquisador, que implica na produção de novas elaborações. Desta forma, a partir da fusão de horizontes, pretendeu-se produzir uma formulação sobre a psicose como escolha de uma posição subjetiva a partir da leitura dos textos de Freud e Lacan.

Neste trabalho foi realizado um percurso que se iniciou com a pesquisa do tema na obra freudiana, passando pela primeira clínica de Lacan e chegando a seu termo na segunda clínica deste autor.

No primeiro capítulo será abordada a questão da “escolha da neurose” na obra de Freud, desde antes da criação da psicanálise, passando pela primeira e segunda tópicos, no intuito de abarcar o que se poderia entender por esta expressão em cada momento de sua obra, a partir de cada nova elaboração.

No segundo capítulo a pesquisa volta-se em torno do estudo do tema na primeira clínica de Lacan, abordando elaborações como o estágio do espelho, a metáfora paterna e as operações de alienação-separação, no intuito de investigar o que elas poderiam elucidar a respeito da psicose como escolha de uma posição subjetiva.

No último capítulo o tema foi trabalhado dentro da segunda clínica lacaniana, a partir das teorizações a respeito do *sinthoma*, da pluralização do Nome-do-Pai e dos modos de gozo.

Neste percurso é possível vislumbrar como, em cada momento das obras freudiana e lacaniana, se pode abordar a psicose como uma escolha.



## 2. FREUD E A QUESTÃO DA “ESCOLHA DA NEUROSE”

O problema da “escolha da neurose” esteve em questão para Freud desde o início de suas teorizações, quando ele começou a se questionar sobre a etiologia das mesmas, a partir de sua prática clínica com sujeitos histéricos. Ele afirmava: “Tenho diante de mim o problema da ‘escolha da neurose’. Quando é que uma pessoa se torna histérica em vez de paranóica?” (FREUD, 1899/1980, p.377).

Se ao lançar a questão sobre a “escolha da neurose”, ele incluiu em sua pergunta tanto histeria quanto paranóia, isto já permite que se pense, também, em uma “escolha da psicose”, já que, posteriormente, ele irá definir a histeria e a neurose obsessiva como neuroses e a paranóia e a confusão alucinatória como psicoses (FREUD, 1924 [1923]/1980).

No entanto, é também importante ressaltar que, ainda que esta diferenciação tenha sido feita desta forma apenas na segunda tópica, desde o princípio Freud percebia as diferenças entre neurose e psicose, mesmo que as agrupasse como *neuroses* ou *neuropsicoses de defesa*.

### 2.1. Na correspondência com Fliess: formulações sobre a etiologia das neuroses

Em “As neuropsicoses de defesa” (FREUD, 1894/1980), texto relativo ao começo das pesquisas acerca da etiologia das neuroses, Freud abordava as neuroses ou neuropsicoses como formas de defesa do Eu frente a idéias que lhe eram incompatíveis. Tais idéias seriam sempre sexuais e a forma da incidência do recalque sobre elas caracterizariam cada neurose específica. Ele já apontava, nesta época, a neurose como forma de defesa diferente da psicose.

Nesse texto de 1894, afirmava que as neuropsicoses – histeria, obsessão e psicose como confusão alucinatória – teriam, como aspecto comum, o fato de seus sintomas surgirem através de um mecanismo de defesa, a tentativa de recalcar idéias sexuais incompatíveis ao Eu. Descreve, então, os mecanismos que ocorreriam na histeria e na obsessão, passando posteriormente à psicose.

Em ambos os casos até aqui considerados, a defesa contra a idéia incompatível era efetuada separando-a de seu afeto; a idéia permanecia na consciência, ainda que enfraquecida e isolada. Há, entretanto, uma espécie de defesa, muito mais poderosa e bem-sucedida. Aqui, o ego [Eu] rejeita a idéia incompatível juntamente com seu afeto e comporta-se como se a idéia jamais lhe tivesse ocorrido. *Mas a partir do momento em que o tenha conseguido, o sujeito encontra-se numa psicose, que só pode ser qualificada como 'confusão alucinatória'*. (FREUD, 1894/1980, p.71).

Para Freud, a defesa na neurose se daria, então, pela separação entre uma idéia incompatível e seu afeto, permanecendo a idéia na consciência. Na psicose, no entanto, o Eu rejeitaria a idéia incompatível junto com o afeto, comportando-se como se ela nunca tivesse ocorrido, defendendo-se da idéia incompatível através de uma fuga para a psicose, escapando da idéia intolerável, mas, também se afastando, de alguma forma, da realidade, pelo fato de esta idéia estar ligada a um fragmento da mesma (FREUD, 1894/1980).

Tais diferenças entre as neuropsicoses também são localizadas no “Rascunho H” (FREUD, 1895/1980), onde o autor aponta os mecanismos presentes em cada tipo. Na paranóia, o rechaço da idéia incompatível pelo Eu era realizado juntamente com sua projeção para o mundo externo. Na confusão alucinatória, o afeto e o conteúdo seriam afastados do Eu por um desligamento parcial do mundo exterior. Na histeria, o conteúdo intolerável ficaria fora da consciência e o afeto seria deslocado para o corpo. Na neurose obsessiva, o afeto seria mantido, mas o conteúdo representativo substituído por outro.

É neste contexto que ele utiliza a expressão “escolha da neurose”, pela primeira vez, em 1896, no “Rascunho K” (FREUD, 1896a/1980). Neste texto compara os quatro tipos de *neuroses de defesa*, histeria, neurose obsessiva, paranóia e confusão mental alucinatória aguda, afirmando que todas seriam aberrações patológicas de estados afetivos normais que conduziriam a um permanente prejuízo para o Eu, e cuja causa teria sempre uma natureza sexual de ocorrência durante a infância. Passa a chamar a defesa contra as idéias sexuais incompatíveis ao Eu de recalque.

O rumo das neuroses se daria, então, a partir do recalque de uma experiência sexual prematura que, posteriormente, despertaria a lembrança correspondente, havendo a formação de um sintoma primário. A posterior luta entre as idéias recalcadas e o Eu é que levaria à formação dos novos sintomas, ou seja, à doença propriamente dita. Para Freud, a especificidade de cada neurose estaria na forma pela qual se realizaria o recalque em cada uma, sendo ele sempre decorrente de um desprazer relacionado a uma experiência sexual prematura.

Esta idéia de uma defesa que surge frente a um desprazer tem origem nas formulações freudianas sobre o aparelho psíquico, no “Projeto para uma psicologia científica”, de 1895.

Nesta época, Freud (1950 [1895]/1980) desenvolvia um modelo de funcionamento do aparelho psíquico baseado no “princípio do desprazer”, de acordo com o qual a tendência do aparelho seria sempre a descarga, a liberação de energia, pois seu acúmulo seria sentido como desprazer. Haveria, então, uma tendência normal à defesa, ao recalque, uma aversão em dirigir a energia psíquica de modo que causasse desprazer. No entanto, tal defesa se tornaria prejudicial se fosse dirigida contra idéias também capazes de liberar um desprazer novo, sob a forma de lembranças, como as idéias sexuais (FREUD, 1896a/1980).

Assim, ele afirmava que para uma pessoa não se tornar neurótica, não poderia ocorrer, antes da puberdade, nenhuma estimulação sexual de maior significação, já que a lembrança de tal experiência produziria desprazer.

Parece que ele acreditava, nesse momento, que o Eu seria responsável por rejeitar ou aceitar idéias na consciência, sendo que essa rejeição, relativa ao recalque, teria formas diferentes de acontecer, o que determinaria o surgimento de uma neuropsicose específica, posteriormente. Assim, poder-se-ia supor que o Eu teria uma atividade em relação ao recalque e, conseqüentemente, à “escolha da neurose”. No entanto, ao tomar as elaborações sobre o aparelho psíquico como eixo de leitura, não fica claro como o recalque operaria, nem como o Eu rejeitaria essas idéias incompatíveis, em qualquer uma das formas de neurose.

A impressão que se tem, ao tomar essa referência, é que a rejeição do Eu a tais idéias é algo quase automático, relativo ao funcionamento do aparelho psíquico de acordo com o princípio do desprazer, ou seja, se algo causa aumento de tensão no aparelho, é afastado pelo Eu, o que torna o fato de se pensar em “escolha da neurose” complicado. Porém, se Freud usa essa expressão e aponta diferenças na constituição dos diversos tipos de neuroses, isso leva a crer que o funcionamento desse aparelho não é tão automático assim e que haveria particularidades relativas a tal funcionamento, para cada sujeito. Por que em cada forma de neurose o recalque ocorre de uma forma diferente?

Como ainda não se tem outras indicações para responder a essa pergunta, o que se pode extrair, nesse momento, como uma elaboração preciosa, é o germe que ele lança sobre a questão das relações da neurose e da psicose com a realidade, tema que ele irá trabalhar em textos da década de vinte, e que fornecerão importantes dados para esta pesquisa.

Freud (1896b/1980) avança na pesquisa sobre a etiologia das neuroses relacionando o problema, na “Carta 46”, à cronologia da ocorrência de cenas sexuais na infância. Cada neurose teria um requisito cronológico para suas cenas sexuais. “Os períodos em que se dá a

*repressão* [o recalque]<sup>1</sup> não tem nenhuma importância para a escolha da neurose, os períodos em que ocorre o *evento* são decisivos. A *natureza* da cena tem importância na medida em que é capaz de dar origem à defesa.” (FREUD, 1896b/1980, p.313).

Assim, o momento da ocorrência do evento sexual na infância é que determina a escolha da neurose, e não o período em que se daria o recalque. O despertar de uma lembrança sexual em uma época posterior produziria um excesso de sexualidade no psiquismo, que atuaria como uma inibição do pensamento e conferiria à lembrança e suas conseqüências uma impossibilidade de inibir. Porém, o excesso de sexualidade não seria suficiente para causar recalque, sendo também necessária a atuação da defesa, a qual, por sua vez, só produziria uma neurose a partir de um excesso de sexualidade. Freud considerava possível a existência de uma neurose, caso a puberdade ficasse colocada entre uma experiência sexual precoce e a primeira lembrança dessa experiência. Ele elaborou dois quadros, na “Carta 46” (FREUD, 1896b/1980), para explicar as particularidades da ocorrência de tais cenas, em cada neurose específica. Segue abaixo um quadro que organiza e contempla as idéias de Freud:

	Ia	Ib	A	II	B	III
	Até 4 anos	Até 8 anos	(de 8 a 10 anos)	Até 14 anos	(de 13 a 17 anos)	Até X
	Pré-consciente	Infantil	Segunda dentição	Pré-Puberdade	Puberdade	Maturidade
Histeria	Cena		RECALQUE		RECALQUE	
Neurose Obsessiva		Cena	RECALQUE		RECALQUE	
Paranóia				Cena	RECALQUE	

Figura 1: Esquema das ocorrências de cenas sexuais na infância em Freud

Na histeria, as cenas ocorreriam no primeiro período da infância, época em que os resíduos de memória não são traduzidos em imagens verbais. Assim, o resultado do despertar dessas cenas nas fases A ou B é sempre uma conversão, pois a tradução é impedida pela atuação conjunta da defesa com o excesso de sexualidade. Na neurose obsessiva, as cenas seriam referentes a uma época em que já existe a tradução em palavras, e seu despertar, nas

<sup>1</sup> - A palavra *repressão* é utilizada, na Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, para tradução do termo *Verdrängung*. No entanto, sabe-se que a tradução mais adequada à mesma é *recalque*. Será usado *repressão* apenas em citações literais, assim mesmo colocando a devida tradução entre colchetes.

épocas II ou III, provoca a formação de sintomas psíquicos. Na paranóia, as cenas ocorrem na época II, sendo despertadas em III, na maturidade, e a defesa manifesta-se pela desconfiança. Freud diz da paranóia, nesse texto, como a neurose de defesa por excelência, já que ela não dependeria de fatores infantis, sendo independente da moralidade ou repulsa à sexualidade que proporcionariam, em A e B, os motivos para a defesa nos outros tipos de neurose. Se não ocorrem cenas em Ia, Ib ou II, a defesa não é capaz de originar o recalque normal (FREUD, 1896b/1980).

Para auxiliar no entendimento do funcionamento de uma lembrança como um evento atual, pode-se recorrer às novidades que o autor introduz, na “Carta 52” (FREUD, 1896c/1980), quanto ao funcionamento do aparelho psíquico. Ali ele afirmava:

[...] um evento sexual ocorrido numa fase determinada, atua sobre a fase seguinte como se fosse um evento atual e, por conseguinte, não é passível de inibição. O que determina a defesa patológica (repressão [recalque]), portanto, é a *natureza sexual do evento e a sua ocorrência numa fase anterior*. (FREUD, 1896c/1980, p.320).

Nesta carta, Freud trabalha com a hipótese de que o mecanismo psíquico formou-se por um processo de estratificação, em que o material presente, sob a forma de traços de memória, estaria sujeito a uma retranscrição de tempos em tempos, segundo novas circunstâncias. Ele descreve a existência de quatro registros, que representariam a realização psíquica de épocas sucessivas da vida e em cujas fronteiras deveria ocorrer uma tradução do material psíquico. Acontece que ocorreriam falhas nessas traduções de um registro para outro, o recalque, sempre provocado pela possibilidade da produção de desprazer, o que está de acordo com as elaborações freudianas anteriores sobre o funcionamento do aparelho pelo princípio do desprazer.

Dessa forma, se uma tradução fosse gerar desprazer, seria provocada uma espécie de distúrbio do pensamento que não permitiria o trabalho da tradução. Ele explicava as particularidades das psiconeuroses a partir das conseqüências geradas por essas supostas falhas nas traduções desses materiais psíquicos. O recalque seria, então, uma poderosa defesa patológica, um distúrbio do pensamento que impediria a tradução de materiais de um registro a outro do aparelho, e cujas conseqüências explicariam as diferenças entre os tipos de neuroses.

A idéia de que a época da ocorrência das cenas sexuais é que determinaria a “escolha da neurose” segue seu curso, não sem dúvidas por parte de Freud. Ele passa, desde 1895, a localizar a experiência sexual prematura como a sedução ou o abuso sexual da criança por um

adulto, em uma época remota, formulação conhecida como teoria da sedução (ROUDINESCO e PLON, 1998). Na “Carta 55” (FREUD, 1897a/1980) ele diz que o que determinaria o surgimento de uma psicose em lugar de uma neurose seria o fato de o abuso sexual ter ocorrido antes do fim do primeiro estágio intelectual, antes do aparelho psíquico ter completado sua primeira forma. Na “Carta 57” afirma:

[...] estou tendo menos certeza da idéia, que estive acalentando até há pouco tempo, de que a escolha da neurose é determinada pelo período em que se origina; antes, parece que ela está fixada na mais remota infância. Parece, contudo, que a decisão continua a oscilar entre o período em que ela se origina e (o que prefiro atualmente) o período em que ocorre a repressão [o recalque]. (FREUD, 1897b/1980, p.330-331).

O eixo de pensamento freudiano, como já foi indicado, era a teoria da sedução. O autor entendia o trauma como abuso sexual, pois acreditava que a cena contra a qual se erguia a defesa era a sedução da criança por um adulto, geralmente, os pais. No entanto, ele percebe que esta teoria da sedução não teria sustentação, pois, de acordo com ela, praticamente todos os pais (incluindo o dele próprio) teriam que ser apontados como pervertidos, por terem seduzido seus filhos. Afirma, então, na “Carta 69”: “Não acredito mais em minha *neurótica*” (FREUD, 1897c/1980), e passa a relacionar o trauma sexual à fantasia que sustenta a realidade psíquica do sujeito, posteriormente relacionada à vivência edípica. Assim, mesmo após abandonar a teoria da sedução, prossegue com a idéia de que a neurose estaria ligada a um conflito psíquico inconsciente de origem infantil e causa sexual (ROUDINESCO e PLON, 1998).

Na “Carta 75” Freud (1897d/1980) segue com o pensamento de que o recalque seria a rejeição, pela pré-consciência e o sentido consciente, de uma lembrança sexual relativa a uma experiência infantil que produziria desprazer. “Se os genitais de uma criança foram excitados por alguém, a lembrança disso, anos depois, produzirá, por efeito retardado, uma liberação da sexualidade muito mais intensa do que na época da excitação [...]” (FREUD, 1897d/1980, p.363). Como o resultado dessa lembrança seria a produção de desprazer, e não de libido, dar-se-ia a ocorrência do recalque. Ele aponta o recalque como o que permitiria o sujeito afastar-se de uma lembrança que, livre, produziria ansiedade, e afirma:

É assim provável que a escolha da neurose (a decisão sobre se emerge a histeria, ou a neurose obsessiva, ou a paranóia) dependa da natureza da fase do desenvolvimento (ou seja, sua localização cronológica) que possibilita a ocorrência do recalque – isto é, que transforma uma fonte de prazer interno em uma fonte de aversão interna. (FREUD, 1897d/1980, p.365).

### ***2.1.1. O problema da hereditariedade***

Desde o início de suas elaborações, Freud lançava questionamentos sobre a hereditariedade na etiologia das neuroses. Ele tinha grande crença na ciência e muita preocupação em provar suas teorizações para os cientistas da época, buscando ser reconhecido por suas inovações. Suas pesquisas acerca das neuroses iniciaram de acordo com o método anátomo-clínico, segundo o qual a busca pela causa das patologias se dava sobre o corpo. No entanto, no decorrer de suas pesquisas, ele notava, cada vez mais, que as neuroses não tinham como causa algo orgânico, e a partir daí desenvolveu formulações acerca da etiologia sexual das neuroses.

Ele diz claramente sobre a questão da hereditariedade que poderia estar envolvida na etiologia das neuroses no “Rascunho K” (1896a/1980), ao falar sobre as precondições para o surgimento de uma neurose. Ele afirmava que a hereditariedade seria uma precondição a mais, já que facilitaria o afeto patológico, mas que ela não seria suficiente para determinar a escolha de uma neurose de defesa específica.

No artigo “Hereditariedade e a etiologia das neuroses” (FREUD, 1896d/1980), tece elaborações mais extensas acerca do tema, discorrendo sobre a etiologia de quatro tipos de neuroses: a histeria e a neurose obsessiva, as quais classificava como psiconeuroses, e a neurastenia e a neurose de angústia, chamadas de neuroses atuais. Ele inicia este texto criticando a atribuição dada por Charcot à hereditariedade na etiologia das neuroses, segundo o qual esta seria a única causa verdadeira e indispensável, enquanto as outras seriam apenas influências.

Freud enumera algumas objeções para este ponto de vista, e deixa clara sua posição de que a hereditariedade seria vista por ele como uma precondição, poderosa, mas não suficiente para provocar nenhuma neurose, sem a ajuda de causas específicas. Aponta que haveria, ainda, causas concorrentes, que seriam agentes banais, para que ocorresse o advento da neurose e a formação dos sintomas, mas que não seriam vistos como integrantes da etiologia. Aponta as causas específicas das neuroses, afirmando que cada uma teria

[...] como causa imediata um distúrbio particular da economia do sistema nervoso, e que essas modificações patológicas funcionais *têm como fonte comum a vida sexual do sujeito, seja apoiadas em uma perturbação de sua vida sexual contemporânea ou em fatos importantes do passado.* (FREUD, 1896d/1980, p.171-172).

Para ele, até este momento, a causa das neuroses seria sempre uma experiência sexual ocorrida em um período remoto da infância, anterior à puberdade, cujo traço inconsciente seria preservado e despertado durante essa fase posterior.

Graças à transformação devida à puberdade, a lembrança evidenciará um poder que faltou completamente ao próprio evento. *A lembrança operará como se fosse um evento contemporâneo.* O que acontece é, como se fosse tal, a *ação póstuma de um trauma sexual.* (FREUD, 1986d/1980, p.176).

A questão da hereditariedade na constituição psíquica será abordada novamente, mais adiante, onde será trabalhada a partir da teoria da libido.

## **2.2. Na primeira tópica: a teoria da libido**

No início do século XX, Freud empreende mais uma elaboração sobre o aparelho psíquico, articulada ao “Projeto” de 1895, conhecida como primeira tópica, no Capítulo VII de “A interpretação dos sonhos” (FREUD, 1900/1980). Descreve os sistemas psíquicos: Inconsciente (Ics) e Pré-consciente-Consciente (Pcs/Cs), que teriam um tipo de funcionamento, uma organização e funções específicas, portando ainda relações e articulações entre eles. Os processos psíquicos que se desenvolviam no homem normal eram considerados, pelo autor, da mesma natureza dos que ocorriam em processos patológicos, devido à sua compreensão dinâmica do funcionamento psíquico, segundo a qual haveria uma identidade qualitativa entre os fenômenos normais e os patológicos (FERRARI, 2006). A enfermidade seria relativa a uma desarmonia, um desequilíbrio quantitativo, decorrente de circunstâncias exteriores. Os mecanismos normais seriam os mesmos que os patológicos, mas aumentados de alguma forma. Um bom exemplo disso é dado por Freud (1924/1980) em “A perda da realidade na neurose e na psicose”, quando ele afirma que tal perda se dá em ambos os casos, sendo, no entanto, mais acentuada na psicose.

De acordo com Álvarez, Esteban e Sauvagnat (2004), Freud destaca ainda mais a importância do recalque na primeira tópica, principalmente em sua relação com o desejo e sua realização. Nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (FREUD, 1905/1980), suas investigações a respeito do papel do recalque, ou retirada da consciência de algo que incomodava, são notadas em relação ao que dizia das amnésias infantis. Ele não considerava



que as lembranças infantis haviam desaparecido, já que no trabalho analítico conseguia trazê-las à tona, e apontava que a amnésia observada nos neuróticos tinha a mesma essência da infantil. Daí dizia que os neuróticos sofrem de reminiscências e que o Ics é atemporal.

Outra elaboração importante sobre a sexualidade infantil, segundo Álvarez, Esteban e Sauvagnat (2004), é a qualificação da mesma como perversa polimorfa, já que está sujeita a pulsões parciais. A sexualidade adulta se originaria do recalque de alguns componentes dessa disposição inicial, e da subordinação à primazia genital. Freud também estabelece, nesta época, relações entre as neuroses e a sexualidade, apontando que os sintomas seriam relativos à sexualidade recalcada nas neuroses.

A partir da segunda década do século XX, a doutrina psicanalítica incorpora algumas modificações, tendo como base as elaborações sobre o aparelho psíquico e a sexualidade infantil, introduzindo desenvolvimentos sobre o dualismo pulsional, a questão dos princípios do prazer e da realidade, os conceitos de transferência e resistência, e as elaborações sobre o narcisismo (ÁLVAREZ, ESTEBAN e SAUVAGNAT, 2004). Desta forma, depois de abordar a etiologia das neuroses a partir da classificação das mesmas enquanto neuroses ou neuropsicoses de defesa, em oposição às neuroses atuais, Freud, no início do século XX, desenvolve outra divisão, entre neuroses de transferência e neuroses narcísicas, ou psicoses.

### ***2.2.1. Os primórdios: o auto e o aloerotismo***

A “Carta 125” é o ponto em que se localiza o surgimento da teoria da libido. Nela Freud (1899/1980, p.377) diz ter diante de si o problema da “escolha da neurose”, questionando quando uma pessoa se tornaria histérica ao invés de paranóica. Afirma ter abandonado a idéia de que a “escolha da neurose” dependeria da idade em que ocorreriam os traumas sexuais, dizendo não ter avançado em sua pesquisa até “compreender um elo da teoria da sexualidade”. De acordo com esta, existiriam o auto e o aloerotismo. O primeiro seria o estrato sexual mais primitivo, que não agiria com qualquer fim psicossocial, exigindo apenas sensações locais de satisfação. Depois dele, viria o aloerotismo, que poderia ser homo ou hetero, mas ainda assim a corrente autoerótica continuaria existindo, separadamente.

Ele classifica então a histeria e a neurose obsessiva como aloeróticas, afirmando que sua principal trajetória seria a identificação com a pessoa amada. A paranóia, segundo ele, restabeleceria todas as figuras amadas na infância, que foram abandonadas, reduzindo o

próprio Eu a figuras alheias. Considera, neste momento, a paranóia como a primeira expansão da corrente autoerótica, um retorno ao ponto fixo prevalente. A partir dessa nova formulação, dá um passo em relação ao problema da “escolha da neurose”, localizando o mesmo como relacionado a uma fixação da libido em pontos do desenvolvimento.

Nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, Freud (1905/1980) apontava que cada estágio de desenvolvimento da sexualidade poderia fornecer possibilidades de fixação, pontos nos quais a libido poderia fluir regressivamente, sendo o narcisismo um deles. A fixação neste ponto poderia funcionar como disposição a uma enfermidade posterior, no caso da libido não conseguir encontrar outro escoadouro, conduzindo a uma regressão ao mesmo. Afirmava que o ponto fraco no desenvolvimento dos paranóicos deveria ser localizado entre o auto-erotismo, o narcisismo e o homossexualismo afirmando, também, que pacientes com demência precoce ou esquizofrenia teriam disposições semelhantes.

### ***2.2.2. A “escolha da neurose” e os pontos de fixação da libido***

A expressão “escolha da neurose” aparecerá novamente no texto freudiano na década de 1910. Em “A disposição à neurose obsessiva – Uma contribuição ao problema da escolha da neurose”, ele define de maneira interessante o ponto em questão:

O problema de saber por que e como uma pessoa pode ficar doente de uma neurose acha-se certamente entre aqueles aos quais a psicanálise deveria oferecer uma solução. Mas provavelmente será preciso encontrar primeiro solução para outro problema, mais restrito – a saber, por que é que esta ou aquela pessoa tem de cair enferma de uma neurose específica e de nenhuma outra. Este é o problema da ‘escolha da neurose’. (FREUD, 1913/1980).

Neste texto, o autor afirma que é a combinação dos determinantes patogênicos constitucionais e acidentais, ou seja, os que a pessoa traz consigo para sua vida e os que a vida lhe traz, que podem estabelecer o determinante patogênico em si. Os motivos que determinariam a “escolha da neurose” seriam totalmente constitucionais, tendo caráter de disposições, independentes de experiências que operam patogenicamente. Inicialmente, ele utilizava a palavra disposições para se referir a algo hereditário, o que poderia levar a uma conclusão equivocada de que ele relacionava a escolha da neurose unicamente a uma disposição hereditária. Mas, aos poucos, ele também inclui nessas disposições os efeitos das

experiências infantis, e atribui suas fontes a algumas funções psíquicas, especialmente a função sexual e a do Eu, que passariam por um longo e complexo desenvolvimento até a idade adulta.

Podemos presumir que estes desenvolvimentos não são sempre tão serenamente realizados que a função total atravesse esta modificação regular progressiva. Onde quer que uma parte dela se apegue a um estágio anterior resulta o que se chama 'ponto de fixação', para o qual a função pode regredir se o indivíduo ficar doente devido a alguma perturbação externa.

Assim, nossas disposições são inibições de desenvolvimento. (FREUD, 1913/1980, p. 400).

As disposições constitucionais da “escolha da neurose” seriam, a partir dessa leitura, relativas às inibições no desenvolvimento das funções do Eu e as sexuais, à fixação da libido nesses pontos inibidos do desenvolvimento.

Em “Os caminhos da formação dos sintomas” (FREUD, 1917 [1916-17]/1980), existem elaborações que podem esclarecer melhor essa questão dos determinantes constitucionais e acidentais para a “escolha da neurose”. Nele, o autor descreve a causação da neurose como relativa a uma série complementar, formada pela disposição devida à fixação da libido e a experiência casual traumática no adulto. A primeira disposição estaria ligada tanto à constituição sexual pré-histórica do sujeito, que seria herdada, quanto às experiências infantis, adquiridas.

Para esclarecer a questão da hereditariedade em Freud, como já apontado anteriormente, é importante ressaltar que ele considerava que “As disposições da constituição também são indubitavelmente efeitos secundários de experiências vividas pelos ancestrais no passado; também elas, em alguma ocasião, foram adquiridas. Sem essa aquisição, não haveria hereditariedade.” (FREUD, 1917 [1916-17]/1980, p.422). Para ele, existiria também uma grande variedade de disposições em relação à constituição sexual hereditária, de acordo com a intensidade e a combinação pelas quais seriam herdadas as formas de pulsões parciais. Por outro lado, as experiências infantis seriam responsáveis pelas conseqüências mais importantes.

Freud (1913/1980) aponta que a ordem em que geralmente se enumera as principais formas de psiconeuroses, histeria, neurose obsessiva, paranóia e demência precoce seriam referentes à ordem das idades em que ocorreria o desencadeamento das perturbações. Aqui se vê, mais uma vez, a questão de uma cronologia ligada à “escolha da neurose”. Desta vez, no entanto, não se trata de uma cronologia relativa à ocorrência de experiências sexuais precoces, mas sim à fixação da libido em pontos do desenvolvimento.

Esta questão de certa cronologia na obra freudiana merece esclarecimento. Pensar em uma cronologia sob qualquer uma das duas formas citadas no parágrafo anterior poderia levar à conclusão equivocada de que sua teoria era desenvolvimentista. Miller (1998) aponta que a perspectiva do desenvolvimento não é pertinente para se trabalhar a psicanálise, o que Lacan, segundo ele, criticou em vários momentos de seu ensino. Isso porque uma cronologia desenvolvimentista supõe um progresso com um único fim, uma trajetória normalizada, predeterminada, programada, implicando sempre a existência de um déficit e o domínio de um ideal. Miller chama a atenção para que não se tome, como Abraham o fez em relação à teoria da libido, as elaborações freudianas e a abordagem da criança a partir do ponto de vista de um desenvolvimento diacrônico, ou seja, relativo à passagem do tempo.

Essa preocupação surge no contexto dessa pesquisa, pois, pensar na constituição subjetiva, assim como pensar na criança, implica certamente em abordar um indivíduo que cresce, considerando um tempo que passa. De acordo com Miller (1998), há o bebê, a criança que não fala, a criança que fala, o adulto. Porém, se o desenvolvimento segue um rumo linear, a constituição subjetiva, desde Freud, deve ser pensada em termos de estrutura e história, relacionadas a algo que vai em direção contrária ao desenvolvimento. Com Freud (1917 [1916-17]/1980), pode-se pensar que, a partir de uma disposição ou uma fixação libidinal em algum ponto do desenvolvimento, é o acontecimento ou a experiência causal, na idade adulta, que causará um retorno da libido a esse ponto de fixação, dando a essa experiência infantil o estatuto de trauma. Isso pode ser ilustrado da seguinte forma:



*Figura 2: Esquema da fixação libidinal em um ponto do desenvolvimento*

Após esta breve, mas importante passagem pelo esclarecimento sobre uma falsa perspectiva desenvolvimentista em Freud retornar-se-á ao tema.

É curioso que a paranóia e a demência precoce, denominadas como parafrenias, tendo seu aparecimento na puberdade e na idade adulta, sejam apontadas por Freud como os primeiros distúrbios a se mostrarem acessíveis à indagação sobre as disposições que resultariam na “escolha da neurose”. Ele afirmava que a megalomania, o afastamento do mundo dos objetos e a maior dificuldade na transferência, comuns a esses distúrbios, levavam a concluir que a sua fixação deveria estar localizada num estágio de desenvolvimento libidinal anterior à escolha objetal, na fase do autoerotismo e do narcisismo. Pois, como afirmava, “Assim, essas formas de moléstia que fazem seu aparecimento tão tardiamente, remontam a inibições e fixações muito primitivas” (FREUD, 1913/1980, p.401).

### ***2.2.3. A “escolha da neurose” e os dois princípios do funcionamento psíquico: retorno às relações do sujeito com a realidade***

Como aponta o tradutor inglês da Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, James Strachey, na nota introdutória a “A disposição à neurose obsessiva – Uma contribuição ao problema da escolha da neurose”, de 1913, a relação entre a “escolha da neurose” e a fixação da libido em pontos do desenvolvimento só aparece, explicitamente, neste texto e em outros dois de 1911. Antes a questão era abordada enquanto relacionada às formas de ocorrência do recalque ou do acontecimento de cenas sexuais na infância. Nas “Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (*dementia paranoides*)”, mais conhecido como o “Caso Schreber” (FREUD, 1911a/1980), e nas “Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico” (FREUD, 1911c/2004), trabalhados simultaneamente por Freud, o que interessa, para esta pesquisa, são suas referências aos dois princípios do funcionamento psíquico, ou seja, princípio do prazer e da realidade. Isto por colocarem em evidência a importância da relação do sujeito com a realidade, já ressaltada anteriormente, bem como a disposição às neuroses, enquanto relativas a fixações em certos pontos do desenvolvimento da libido.

Nas “Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico” o autor retoma suas elaborações feitas no “Projeto para uma psicologia científica” (FREUD, 1950 [1895]/1980) e no Capítulo VII de “A interpretação dos sonhos” (FREUD, 1900/1980), relativas aos princípios reguladores do aparelho psíquico, o princípio do prazer e o da realidade, que dominam, respectivamente, os processos mentais primário e secundário. Freud (1911c/2004)

põe em questão a importância da atitude mental do sujeito para com a realidade e afirma que toda neurose teria como consequência certo afastamento frente à mesma, pelo fato dela ser insuportável de alguma forma, sendo que o tipo mais extremo desse afastamento seria o da psicose alucinatória.

Entender os dois princípios do funcionamento psíquico é importante, na medida em que oferecem subsídios para a reflexão sobre as relações do sujeito psicótico com a realidade. Os processos psíquicos inconscientes são primários, e funcionam de acordo com o princípio do prazer, anteriormente chamado de princípio do desprazer (FREUD, 1911c/2004). O que o *Ics* quer é o prazer a todo custo, a partir do desprazer, mola propulsora da vida psíquica. O recalque ocorreria, então, como medida defensiva, defesa muito especial, frente à possibilidade da produção de um desprazer, como já foi visto antes. Desde o princípio, existem exigências oriundas de necessidades internas do organismo, que perturbam o estado de repouso do psiquismo. Neste estado, a satisfação era obtida pela via alucinatória.

Foi preciso que não ocorresse a satisfação esperada, que houvesse uma frustração, para que essa tentativa de satisfação pela via alucinatória fosse abandonada. Em vez de alucinar, o aparelho psíquico teve então de se decidir por conceber [...] as circunstâncias reais presentes no mundo externo e almejar uma modificação real deste. Com isso foi introduzido um novo princípio da atividade psíquica: não mais era imaginando [...] o que fosse agradável, mas sim o real, mesmo em se tratando de algo desagradável. Essa instauração do *princípio da realidade* mostrou-se um passo de importantes consequências. (FREUD, 1911c/2004, p.66).

Várias adaptações do aparelho psíquico, como mostrou Freud, são necessárias, após o surgimento das novas demandas, e a realidade exterior passa a ter maior importância. O princípio de realidade também busca prazer, porém com moderação, ou seja, submetido à realidade. Além da consciência captar, como anteriormente, as sensações de prazer e desprazer, ela teve que desenvolver a atenção, no intuito de fazer uma busca periódica no mundo externo para conhecer os dados, antes que uma necessidade interna inadiável aparecesse. Uma parte do sistema de memória é introduzida, tendo a função de armazenar os resultados obtidos a partir dessa atividade da consciência. O recalque, que excluía do processo de investimento qualquer representação que pudesse gerar desprazer, foi substituído por uma avaliação do juízo, imparcial, à qual cabia decidir se as representações seriam verdadeiras ou falsas, se estariam ou não ligadas à realidade, utilizando os traços de lembranças deixados pela realidade. Ao invés de utilizar a via motora apenas para afastar estímulos, o aparelho psíquico passa a modificar a realidade de modo eficaz, partindo para a ação. O próprio adiamento da remoção desses estímulos foi viabilizado pelo processo do pensar, dotado de

características que tornaram possível para o aparelho suportar certo aumento de tensão durante esse adiamento (FREUD, 1911c/2004).

O processo de substituição do princípio do prazer pelo da realidade não se dá de uma só vez nem em toda a expansão da psique. Enquanto este processo ocorre com as pulsões do Eu, as pulsões sexuais continuam se comportando de maneira auto-erótica, encontrando satisfação no próprio corpo, não chegando a passar por situações em que haveria impedimentos à satisfação que a obrigassem à instauração do princípio da realidade (FREUD, 1911c/2004). O processo de busca de objeto das pulsões sexuais se interrompe logo no início, devido ao período de latência, postergando o desenvolvimento sexual até a puberdade. O auto-erotismo e o período de latência provocam uma retenção da pulsão sexual em seu desenvolvimento psíquico, deixando-a mais tempo sob o domínio do princípio do prazer. Uma parte da disposição psíquica para a neurose seria devida à demora da pulsão sexual a levar em conta a realidade.

O Eu-prazer trabalha pela obtenção de prazer e o desvio do desprazer, e o Eu-real almeja o que lhe traz benefícios e a garantia contra danos. A substituição do princípio do prazer pelo da realidade não provoca a destituição do Eu-prazer. Ela garante sua continuidade.

Paralelamente à transformação do *Eu-prazer* em *Eu-real*, as pulsões sexuais passam por mudanças que as conduzirão do auto-erotismo inicial, através de várias fases intermediárias, ao amor objetal, que estará a serviço da função de procriação. E, se estiver correta a suposição de que cada etapa desses dois percursos paralelos de desenvolvimento pode vir a se tornar um sítio a partir do qual surge uma disposição a um adoecimento neurótico posterior, é plausível que o que decide a respeito da forma do adoecimento posterior (*a escolha da neurose*) dependa da fase de desenvolvimento do Eu e da libido, sobre a qual incidiu a inibição desse desenvolvimento predisponente a cada neurose. (FREUD, 1911c/2004, p.69).

No “Caso Schreber”, Freud (1911a/1980) tem a oportunidade de trabalhar a paranóia e diz que seu caráter distintivo seria determinado pelo mecanismo de formação dos sintomas ou o acontecimento do recalque. Ele localizava no centro do conflito da paranóia uma repulsa, a partir de delírios de perseguição, relativa a uma fantasia de desejo homossexual, uma tentativa em dominar uma corrente homossexual inconsciente, mas que sempre fracassava. O papel do desejo homossexual no desenvolvimento da paranóia é explicado pelo autor a partir do narcisismo, estágio da libido localizado entre o auto-erotismo e o amor objetal, momento em que o indivíduo toma a si, a seu próprio corpo, com objeto amoroso, para depois passar à escolha de outra pessoa como objeto. Segundo ele, essa fase narcísica é indispensável, mas algumas pessoas demoram-se muito nela, fazendo com que suas características sejam transportadas a estádios posteriores de seu desenvolvimento. O desenvolvimento deveria

conduzir primeiramente a uma escolha de um objeto homossexual, ou seja, com órgãos genitais semelhantes aos do sujeito, passando posteriormente ao heterossexualismo.

Freud (1911a/1980) relaciona a maneira de ocorrência do recalque com a história do desenvolvimento da libido e à disposição a que ele dá origem, e diz de três fases do recalque: a fixação, o recalque propriamente dito e o retorno do recalcado. A fixação é a condição necessária de todo recalque, caracterizando-se pela inibição de um determinado componente pulsional no desenvolvimento, que é deixado para trás, em um estágio mais infantil, comportando-se como se pertencesse ao sistema Inconsciente, como recalcada. Tais fixações pulsionais formam a base para a disposição à enfermidade posterior. O recalque propriamente dito provém dos sistemas mais desenvolvidos do Eu, sendo caracterizado, por Freud (1911a/1980), como um processo ativo, ao contrário da fixação, que para ele parecia se tratar de um retardamento passivo. Para ocorrer o recalque, deve acontecer tanto uma repulsa por parte do sistema consciente quanto uma atração pelo inconsciente, ambas tendendo à mesma direção. O retorno do recalcado, fracasso do recalque, é considerado pelo autor como a terceira fase e a mais importante em relação aos fenômenos patológicos, onde localiza a formação dos sintomas, que implica uma regressão ao ponto de fixação libidinal.

A intenção de Freud (1911a/1980), ao apontar tais fases, era lançar luz sobre o mecanismo do recalque na paranóia. Para ele, neste tipo de adoecimento, o paciente retiraria das pessoas e do mundo em geral a catexia libidinal anteriormente dirigida a eles, acontecendo uma destruição do mundo interno. A esse desligamento em relação aos objetos amados anteriormente estaria relacionado o recalque. O trabalho do delírio seria uma tentativa de reconstrução, mas que nunca é completo, sendo uma tentativa desfazer o processo do recalque, buscando fazer a libido retornar aos objetos anteriores.

No “Caso Schreber”, ele afirma que é provável que um desligamento da libido seja o mecanismo essencial de todo recalque, de forma que este fator não pode ser, por si próprio, o fator patogênico na paranóia, relacionando-o ao emprego da libido para um engrandecimento do Eu, ao invés de buscar outros objetos. Assim, ocorre um retorno ao estágio do narcisismo, no qual o Eu é o único objeto sexual da pessoa, e a fixação ao narcisismo é característica da paranóia. Para o autor, a possibilidade das perturbações da libido produzir efeitos sobre os investimentos do Eu, e vice-versa, provavelmente é o que constitui o caráter diferenciador das psicoses. Diz ele: “As neuroses surgem, principalmente, de um conflito entre o ego [Eu] e o instinto [pulsão] sexual, e [...] as formas que elas assumem guardam a marca do curso do desenvolvimento seguido pela libido – e pelo ego [Eu]” (FREUD, 1911a/1980).



Como se vê, a “escolha da neurose”, para Freud, teve na fixação da libido em pontos de seu desenvolvimento sua última teorização. O fato de o autor não utilizar mais esta expressão aponta para a importância do salto que ele dá em sua obra, a partir da criação da segunda tópica, quando passa a levar em conta não só o princípio do prazer e da realidade, mas também a pulsão de morte. Se até então a etiologia das neuroses era abordada pela via do que ele chama de escolha, agora ela será tomada a partir de conflitos que ocorrem entre as instâncias psíquicas e que se relacionam com a pulsão e a realidade. No entanto, ainda que não se encontre mais essa expressão no texto freudiano, é importante avançar sobre estas formulações da segunda tópica, na medida em que elas oferecem indicações valiosas para esta pesquisa.

### **2.3. Na segunda tópica**

De acordo com Álvarez, Esteban e Sauvagnat (2004), algumas questões clínicas como o apego do sujeito a seu sintoma, a compulsão à repetição, a presença dos sentimentos de culpa e o papel do ódio e do masoquismo na economia mental fizeram Freud avançar em suas formulações. Tais questões levaram-no a elaborar “Mais além do princípio do prazer”, em 1920. Trata-se de uma nova teoria pulsional, de acordo com a qual as pulsões de morte fariam oposição às de vida. A partir daí, foi possível explicar “[...] a inércia muda que nos arrasta permanentemente mais além do hedonismo e do princípio do prazer.” (ÁLVAREZ, ESTEBAN e SAUVAGNAT, 2004, p.674, tradução nossa<sup>2</sup>).

Com a introdução do novo dualismo pulsional, veio também uma nova formulação sobre o Eu. Se antes ele se ligava às pulsões de autoconservação e ao sistema Pcs/cs, agora passa a ser uma instância psíquica recalcadora, estendendo seus domínios aos três sistemas da primeira tópica, consciente, pré-consciente e inconsciente, tendo as funções de controle, adaptação, moderação, ao mesmo tempo em que é uma instância de desconhecimento. O Eu é o agente do recalque e de outros mecanismos de defesa (ÁLVAREZ, ESTEBAN e SAUVAGNAT, 2004).

---

<sup>2</sup> - “[...] la inercia muda que nos arrastra permanentemente más allá del hedonismo y del principio del placer.”

No novo modelo de aparelho psíquico que Freud introduz, em “O Eu e o Id” (FREUD, 1923b/2007), além do Eu existem também o Id e o Supra-Eu<sup>3</sup>. O Id é regido pelos processos primários, constitui a sede das pulsões, o reservatório da libido, sendo o campo de batalha entre as pulsões de vida e de morte. O Supra-Eu é a instância crítica e proibitiva, definida por ele como herdeiro do Complexo de Édipo.

O Eu, por sua vez, de acordo com Freud (1933 [1932]/1980), é uma parte do Id que se modificou devido à sua relação com o sistema perceptual consciente, órgão sensorial do aparelho, voltado para o mundo externo, responsável pelo recebimento de estímulos. A relação com o mundo externo e a ameaça de perigo que pode vir deste, são fatores decisivos para o Eu, que tomou para si a tarefa de representar o mundo externo para o Id. Para realizar sua função, o Eu deve realizar o teste de realidade, estabelecendo um quadro preciso do mundo externo nos traços de memória de suas percepções, excluindo deste quadro tudo que for relativo a um acréscimo advindo de fontes internas de excitação. “Dessa maneira, o ego [Eu] destronou o princípio do prazer, que domina o curso dos eventos do id sem qualquer restrição, e o substituiu pelo princípio da realidade, que promete maior certeza e maior êxito” (FREUD, 1933 [1932]/1980). O Eu evolui de uma percepção das pulsões para o controle das mesmas, e utiliza a energia do Id para seu próprio funcionamento. Segundo o autor, o Eu serve a três senhores ao mesmo tempo: o mundo externo, o Id e o Supra-Eu, tentando satisfazer suas exigências simultaneamente, sendo constantemente ameaçado pelos perigos que podem derivar de cada um deles.

É nesta conferência que Freud (1933 [1932]/1980, p.102) diz sua famosa frase “*Wo Es war soll Ich werden*”. Várias foram as suas traduções, e optou-se por tomar a proposta de Lacan para a mesma:

“Ali onde isso era”, como se pode dizer, ou “ali onde se era”, gostaríamos de fazer com que se ouvisse, “é meu dever que eu venha a ser.” (LACAN, 1955/1998, p.419).

O sentido dessa frase, explorado por Lacan, é explicitado por Garcia-Roza (1984) que irá afirmar que ela não diz respeito a uma substituição do Id pelo Eu, mas sim que Freud apontava para a existência de dois tipos de sujeitos e dois modos de subjetividade. Em Lacan, o lugar onde o sujeito aparece seria a cadeia significante. O que interessa, neste momento,

---

<sup>3</sup> - As traduções utilizadas neste trabalho para *Es* e *Über-Ich* serão, de acordo com a tradução de Luis Alberto Hanns, *Id* e *Supra-Eu*, respectivamente. (FREUD, 1923b/2007, p.20-25).

com relação a essa frase freudiana, é a indicação precisa de Lacan (1955/1998, p.418) de que se trata de um dever moral, já que

evidencia-se aqui que é no lugar, *Wo*, onde *Es*, sujeito desprovido de qualquer *das* ou de qualquer outro artigo objetivante (é de um lugar que se trata) era, *war*, é nesse lugar que *soll*, devo [...] *Ich* [eu], ali devo [eu] [...] *werden*, tornar-me, isto é, não sobrevir nem tampouco advir, mas vir à luz, desse lugar mesmo como lugar de ser.

Trata-se de considerar um sujeito que não está ali desde o princípio, mas que deve constituir-se como tal. Ressalta-se que este ponto será novamente abordado quando se trabalhar, na pesquisa, as formalizações lacanianas a respeito da constituição do sujeito.

No momento, é importante ressaltar que o Eu adquire uma função central na obra de Freud. Ele deve constituir-se a partir do Id e das relações com o mundo externo, sendo responsável pelo teste da realidade, ou seja, é um mediador entre o mundo interno e o externo.

Dentro dessas mudanças da segunda tópica, Freud avança na investigação das neuroses, e pode-se notar que, a partir de 1924, há uma nova divisão entre neuroses e psicoses. Em “Neurose e psicose” (FREUD, 1924 [1923]/1980; FREUD, 1924a/2007) e “A perda da realidade na neurose e na psicose” (FREUD, 1924b/1980; FREUD, 1924c/2007), ele tenta explicar a diferença na gênese de ambas, a partir de suas formulações sobre as três novas instâncias psíquicas, o que será examinado em seguida.

### **2.3.1. *Neurose X Psicose: o ponto de vista do conflito***

Em “Neurose e psicose”, ele retoma a descrição do Eu em relação à sua localização entre o mundo externo e o Id, e as dependências que mantém com os outros elementos, na tentativa de “servir a todos os seus senhores a um só tempo”. Instigado pela questão do surgimento das psicoses, ao aplicar essa nova concepção do aparelho psíquico a este tema, chega a uma conclusão a respeito da diferença na gênese da neurose e da psicose. “A neurose seria o resultado de um conflito entre o Eu e o Id, ao passo que a psicose seria o resultado de uma perturbação nas relações que o Eu mantém com o mundo externo.” (FREUD, 1924a/2007, p.95).

Desta forma, a neurose seria decorrente de uma recusa do Eu em acolher ou conduzir a uma resolução motora uma pulsão oriunda do Id, o que é realizado através do recalque.

Porém, como o conteúdo recalçado usa algumas vias para escapar disso, ocorre a formação do sintoma, que se impõe ao Eu e contra o qual este irá lutar a partir de então, como antes lutou contra a moção pulsional. Disso resultaria o quadro de uma neurose. Quanto ao mecanismo da psicose, como já foi indicado, Freud (1924a/2007) afirma que haveria uma perturbação entre as relações do Eu com o mundo externo. Segundo ele, este dominaria o Eu pelas percepções atualizáveis ou pelas lembranças de percepções passadas, o “mundo interno”, que teria como função representar a realidade externa internamente.

Na psicose, o Eu cria onipotentemente um novo mundo externo e interno. [...] esse novo mundo é erguido conforme os desejos [...] do Id, e [...] a razão para a demolição do mundo externo são os duros impedimentos que a realidade impõe à satisfação do desejo [...], pois o psicótico sente tais impedimentos como intoleráveis. (FREUD, 1924a/2007, p.97).

Quanto à relação do sujeito com a realidade, tema trabalhado pelo autor em alguns momentos anteriores já abordados, em “A perda da realidade na neurose e na psicose” (FREUD, 1924b/1980; FREUD, 1924c/2007) ele oferece novas formulações. Suas colocações levariam a supor que, se na neurose a influência da realidade prevaleceria e na psicose a prevalência seria do Id, a perda da realidade já estaria colocada de antemão na psicose, ao passo que na neurose ela poderia, à primeira vista, ser evitada. No entanto, ele alerta que pensar desta forma seria equivocado, já que também nas neuroses haveria um afastamento da realidade, visto a existência de um “mundo da fantasia” (FREUD, 1924c/2007, p.130), área afastada do mundo externo real e poupada das duras exigências impostas pela vida.

O recalque da pulsão pelo Eu, a serviço da realidade, não configura uma neurose em si. Apenas o fracasso do recalque, que aparece sob a forma de sintoma, evidenciando um processo que visa obter alguma compensação para o Id é que constitui a neurose. O afrouxamento da relação com a realidade seria uma consequência desse segundo passo na formação da neurose, e nota-se que ele “afeta justamente aquela parcela da realidade cujas exigências intoleráveis desencadearam o recalque contra a pulsão”. (FREUD, 1924c/2007, p.127). Freud imaginava que na constituição da psicose poder-se-ia esperar algum processo parecido, mas, entre o Eu e o mundo externo. Haveria, então, uma fase em que o Eu seria afastado da realidade, para depois reparar o dano, estabelecendo uma nova relação com a mesma, à custa do Id. Porém, na psicose o que se observa é que este restabelecimento em relação à perda da realidade seria à custa do relacionamento com a própria realidade.

Na psicose, manifesta-se uma onipotência, que reside na criação de uma nova realidade que não mais cause o mesmo impacto que a realidade abandonada causava. A segunda fase, então, tanto na neurose como na psicose, é sustentada pelas mesmas tendências: em ambos os casos, ela está a serviço dos anseios de poder do Id, que não se deixa coagir pela realidade. Neurose e psicose são ambas a expressão da rebelião do Id contra o mundo externo, a expressão do seu desprazer ou, se quisermos, de sua incapacidade em se amoldar à realidade [...] (FREUD, 1924c/2007, p.128).

Na neurose a fuga se dá na tentativa de evitar uma parte da realidade, não tomar conhecimento dela, mas não renegá-la, já que o “mundo da fantasia” se sustentaria sobre parte desta realidade. Já na psicose, essa parte é reconstruída, a realidade é renegada e substituída, “o novo e fantástico mundo externo quer se impor e substituir a realidade externa.” (FREUD, 1924c/2007, p.130). De acordo com ele, este trabalho de reconfiguração se dá sobre os precipitados psíquicos, os traços de memória, as representações e os juízos, formados a partir do contato com a realidade e por meio dos quais esta se fazia representar no mundo psíquico. A relação com a realidade é sempre modificada por novas percepções, mas na psicose, para a qual também está colocada a tarefa de buscar percepções que estejam de acordo com a realidade, isto é feito pela via alucinatória.

Freud coloca a seguinte questão no que diz respeito dos conflitos do Eu com outras instâncias:

Não basta mais afirmarmos que o conflito corresponde a uma falha na função de um Eu empenhado em conciliar as exigências das várias instâncias. É preciso que respondamos – uma vez que tais conflitos sempre estarão presentes – sob quais condições e por que meios o Eu muitas vezes consegue escapar, sem adoecer. (FREUD, 1924a/2007, p.98).

Quanto a isso, ele afirma ser um novo campo de pesquisa, mas que, já de início, dois fatores deveriam ser considerados. O primeiro é que o resultado do conflito depende da configuração da economia psíquica, ou seja, das proporções das forças que estão em conflito entre si. O segundo corresponde à possibilidade que o Eu teria em evitar alguma ruptura com as outras instâncias, deformando-se até chegar ao ponto de cindir. Essa cisão é o meio pelo qual, de acordo com o autor, as excentricidades e loucuras das pessoas vêm à luz, e que é trabalhado por ele no texto “A cisão do Eu no processo de defesa” (FREUD, 1940[1938]b/2007).

Neste texto, ele irá descrever o comportamento desta instância psíquica frente ao trauma vivido na infância.

Imaginemos uma criança cujo Eu se encontrava a serviço de uma exigência pulsional imperiosa à qual ele habitualmente atendia. Contudo, abruptamente esse Eu é submetido a uma experiência assustadora que lhe indica que, se continuar a satisfazer essa pulsão, enfrentará um perigo real quase insuportável. O eu terá então que optar por reconhecer a existência desse perigo real, submeter-se a ele e renunciar à satisfação pulsional, ou renegar [*verleugnen*] a realidade, o que lhe permitiria se convencer de que não há razão para qualquer temor [...], e manter-se concentrado na busca de satisfação pulsional. Haveria, neste caso, portanto, um conflito entre a reivindicação pulsional e as objeções por parte da realidade. Na verdade, porém, a criança não segue nenhum desses caminhos, ou melhor, segue ambos ao mesmo tempo, o que equivale a não seguir caminho algum. Ela responde ao conflito com duas reações opostas, ambas válidas e ativas. Por um lado, com o auxílio de certos mecanismos, ela rechaça a realidade e rejeita quaisquer proibições; por outro, ao mesmo tempo, ela reconhece o perigo que emana da realidade, acata dentro de si esse medo [...] como um sintoma e mais adiante tenta lidar com esse medo. (FREUD, 1940[1938]b/2007, p.173-174).

Desta forma, é permitido que a pulsão seja satisfeita, mas que também a realidade seja respeitada. Porém, isso ocorre ao preço de um rompimento no Eu, uma cisão que subsistirá e cujo núcleo corresponde às duas reações opostas pelas quais o Eu respondeu ao conflito.

Freud (1924a/2007) localiza uma privação como etiologia comum à neurose e à psicose. A não-realização de algum desejo infantil partiria sempre de uma circunstância externa, mas seu efeito patogênico dependeria do Eu, já que ele poderia ou permanecer fiel à sua dependência do mundo externo, tentando silenciar o Id, ou ficar subjugado a este, afastando-se da realidade. Ele acrescenta, ainda, que o Supra-Eu teria uma importante função em relação aos adoecimentos psíquicos, devendo ser levado em conta, pois tentaria conciliar as dependências do Eu em relação ao Id e ao mundo externo.

Neste ponto já se poderia afirmar que, se é do Eu que depende o efeito patogênico apontado acima, então a “escolha da neurose”, ou a gênese da neurose e da psicose estariam na dependência desta instância. Levando em conta o que já foi dito sobre a frase freudiana, “*Wo Es war soll Ich werden*”, que traz à tona justamente a questão da constituição de um sujeito, desde já se pode pensar que o Eu não seria propriamente um agente de uma “escolha da neurose”, mas que ele próprio adviria a partir da mesma. Parece que é uma atitude do aparelho psíquico que irá fazer com que o Eu permaneça fiel em relação à realidade ou ceda às exigências do Id, constituindo, assim, um quadro de neurose ou psicose, respectivamente. Para trabalhar esta importante questão, de maneira mais clara, recorrer-se-á ao texto de Freud (1925a/1980; 1925b/2007) “A negativa”, onde são tratadas as funções do juízo.

### 2.3.2. *As funções do juízo*

Freud (1925b/2007) afirmava que a função de juízo se referia a duas questões, relativas a decidir se uma coisa tem ou não determinada característica e a confirmar ou refutar se a representação psíquica de uma coisa tem existência real. Referia-se, respectivamente, ao juízo de atribuição e de existência. Em relação à primeira função, na etapa inicial do desenvolvimento a característica da coisa em questão pode ser qualificada como “boa” ou “má”. O Eu-prazer presente nesse momento quer, então, introjetar em si tudo que é bom e colocar fora de si o que é mau. Já a segunda função do juízo, o teste de realidade, referente à existência real da coisa representada psiquicamente, é de interesse do Eu-real definitivo, que se origina e desenvolve a partir do Eu-prazer inicial. Neste momento não se trata mais de acolher ou não algo percebido, mas de saber se uma coisa disponível como representação psíquica no Eu pode ser reencontrada na realidade, a partir da percepção. Freud aponta que aqui fica posto em questão o *dentro-fora*, na medida em que o que é somente imaginado está apenas dentro, e o que é real também está fora.

Assim, no curso do desenvolvimento psíquico, a consideração pelo princípio do prazer foi, nesse momento, colocada de lado. A experiência ensinou à psique que não é somente importante saber se uma coisa [...] possui uma qualidade “boa”, isto é, se merece ser acolhida no Eu, mas também, se ela está presente no mundo externo, de modo que seja possível apoderar-se dela conforme surja a necessidade [...] para tal. (FREUD, 1925b/2007, p.149).

Freud destaca que a oposição entre subjetivo e objetivo não existe desde o início, estabelecendo-se apenas pelo fato de que o pensar presentifica algo que já foi percebido, imaginando o objeto sem que ele esteja presente no mundo externo. O primeiro objetivo do teste de realidade seria reencontrar, na realidade, o objeto imaginado, certificando sua presença. No entanto, uma representação mental não é sempre fiel ao que foi percebido, havendo deformações, as quais devem ser controladas pelo próprio teste da realidade. Fato importante é que “o teste da realidade só entrará em cena quando e se os objetos, que outrora trouxeram satisfação, já tiverem sido perdidos” (FREUD, 1925b/2007, p.149).

Fica evidente, então, que a segunda função do juízo só pode estabelecer-se a partir de uma perda, uma expulsão. A emissão de juízos é definida pelo autor como “uma função intelectual que surge a partir do jogo de forças dos impulsos pulsionais primários” (FREUD, 1925b/2007, p.150), não sendo pautada pelo princípio do prazer. De acordo com Vidal

(1988), a função de juízo, que deve tomar duas decisões, não supõe um sujeito que realize tais decisões. O juízo parece agir no lugar aonde o sujeito virá a ser, o que o destitui de qualquer suposição como um agente. Isso aponta novamente para o fato de que dizer que a escolha é feita pelo *sujeito* seria equivocado. Porém, deve se constatar que há uma atividade que parte de onde o sujeito irá se constituir. Falar em *Eu* ou em *sujeito* são coisas diferentes, apesar de ambos serem conceitos relacionados a pontos da constituição psíquica. No entanto, esta discussão será realizada no capítulo seguinte, quando o tema da pesquisa for abordado a partir da primeira clínica de Lacan, já que é ele quem define de forma clara estes conceitos.

Feita esta consideração, retorna-se à discussão sobre a função do juízo. A polaridade entre o incluir e o expulsar do Eu corresponderia, segundo Freud (1925b/2007), aos dois grupos pulsionais existentes. A confirmação ou afirmação, *Bejahung*, seria um substituto da unificação, pertencendo a Eros. A negativa, *Verneinung*, seria a sucessora da expulsão, *Austossung*, e pertenceria à pulsão de destruição. A ocorrência de uma afirmação primária, *Bejahung*, concomitantemente a uma expulsão primária, *Austossung*, pode ser entendida, segundo Vidal (1988), como relativo ao recalque primário, como momento de fundação da subjetividade, que possibilitaria um enlaçamento entre as pulsões de vida e de morte. Para ele, no nível do Eu-prazer haveria um funcionamento automático do aparelho, um mecanismo de introjeção, a partir do qual uma marca se inscreve para o sujeito, sendo o vivente afetado pelo significante. Dessa operação haveria um resto, ocorrendo uma expulsão radical, como algo que fica “fora”.

Freud (1925b/2007) explica que o negativismo de alguns psicóticos deveria ser compreendido como um sinal de que houve uma defusão pulsional, pela retirada dos componentes libidinais. Na psicose o que se teria era uma rejeição que impossibilitaria toda possibilidade de *Bejahung*, do juízo primeiro (VIDAL, 1988). O que acontece então para que, ao invés de ocorrer uma afirmação juntamente com uma expulsão, ocorra uma rejeição? Isso conduz ao problema que Freud se colocava em relação a definir um mecanismo específico para a psicose, correspondente ao recalque na neurose.

No último parágrafo de “Neurose e psicose”, ele pergunta:

qual seria o mecanismo, análogo ao recalque, pelo qual o Eu logra se desprender do mundo externo? Penso que isso não pode ser respondido sem novas investigações, mas, assim como no recalque, certamente também ocorre aqui um recolhimento das cargas de investimento anteriormente enviadas pelo Eu em direção aos objetos. (FREUD, 1924a/2007, p.98).



Freud, desde o princípio, apostava em uma etiologia sexual para as neuroses. Ao formular as mesmas como formas de defesa do Eu frente a algo intolerável, chegou ao conceito do recalque, desenvolvido em sua primeira tópica, enquanto o mecanismo através do qual surgiria uma neurose. A partir de sua clínica, ficava cada vez mais evidente que o recalque na neurose era distinto em relação às psicoses, e ele notava, também, uma questão particular relativa ao funcionamento do fetiche para alguns sujeitos (FREUD, 1927a/1980; FREUD, 1927b/2007). Ao apontar, ainda, que na psicose haveria um negativismo, ao invés da negativa, presente na neurose como relativa à ocorrência do recalque, fica mais evidente que ambas teriam um funcionamento e uma constituição distintos.

Ao formular idéias sobre a relação do sujeito com a castração, ele oferecerá mais material para esta pesquisa, na medida em que passa a investigar os mecanismos análogos ao recalque da neurose na psicose e em relação ao fetichismo, conseguindo elaborar de forma bastante clara esse último.

### ***2.3.3. Verdrängung, Verleugnung, Verwerfung e a realidade em questão***

No “Fetichismo”, a partir de casos de pacientes que apresentavam fetiches, Freud (1927a/1980; 1927b/2007) desenvolve a idéia de que estes seriam um substituto do pênis da mãe, do qual, durante a infância, a criança não quis abdicar. Ele afirmava que a criança haveria se recusado a tomar conhecimento do fato de que a mulher não tem pênis, pois se ela fosse castrada, a possibilidade dessa castração também se faria presente para a criança. A percepção que a criança teve deste fato, ou seja, de que a mulher não tem pênis, permanece, mas uma ação enérgica é empreendida para sustentar essa recusa, que ele diferenciou do recalque, *Verdrängung*, da neurose, e chamou de *Verleugnung*, apontando para um mecanismo diferente.

Ocorre que a criança ao mesmo tempo manteve essa crença, mas também a abandonou. No conflito entre o peso da percepção indesejada e a força de seu contradesejo, ela chegou a um compromisso intermediário, tal como só poderia ocorrer, sob a égide das leis inconscientes do pensamento – os processos primários. Sim, em sua psique a mulher *teve* um pênis, mas esse pênis não é mais o mesmo de antes. Outra coisa tomou seu lugar e tornou-se seu substituto, de modo que esse substituto herda agora todo o interesse anteriormente dirigido a seu predecessor. (FREUD, 1927b/2007, p.162-163).

Para o autor, o fetiche seria, então, um indício do triunfo sobre a ameaça de castração e uma proteção contra a mesma. No entanto, a questão de que os sujeitos que apresentavam fetiches, ou mesmo os que renegavam uma parte importante da realidade não fossem psicóticos, intrigava Freud. Isso o fez prosseguir na investigação e chegar à conclusão de que nestes casos apontados acima, haveriam duas atitudes opostas na vida psíquica. Uma atitude, ajustada ao desejo, que não reconhecia a realidade, e outra, ajustada à realidade, que se dava conta do fato, ambas coexistindo lado a lado. Nos fetichistas, a renegação e a afirmação da castração estariam presentes, muitas vezes na própria formação do fetiche. Já no caso da psicose, a corrente que se ajustaria à realidade estaria ausente.

Como se sabe, segundo Maleval (2002), Freud não conseguiu isolar um mecanismo próprio da psicose, como o fez em relação ao fetichismo, apesar de ter notado, desde sempre, que o “recalque” presente na psicose era diferente do da neurose. É Lacan que irá traduzir a *Verwerfung* como forclusão, e delimitá-la como o mecanismo fundante da psicose, em oposição à *Verdrängung* na neurose e a *Verleugnung* na perversão. Porém, nota-se que o trabalho de Freud foi exaustivo nesse sentido, tentando esclarecer este ponto em vários momentos de sua obra.

Desde 1894, em “As neuropsicoses de defesa”, ele já descrevia uma forma de defesa mais enérgica e eficaz do que a que operava sobre as fobias e obsessões, afirmando que o Eu rechaçava, *Verwfit*, a representação insuportável juntamente com seu afeto, e se comportava como se a representação nunca houvesse chegado a ele, o que poderia suscitar uma psicose. “A primeira referência de Freud à *Verwerfung* a caracteriza como um juízo do Eu que possui a particularidade de gerar uma ruptura radical com uma realidade impossível de assumir” (MALEVAL, 2002, p. 37, tradução nossa<sup>4</sup>). No entanto, Freud, em muitos momentos, aproximava a *Verwerfung* da *Verdrängung*, trabalhando-a ainda, outras vezes, em relação à formação da consciência moral. Isto fez com que o estatuto teórico da *Verwerfung* ficasse incerto na obra freudiana, não sendo reconhecido, assim, como um verdadeiro conceito teórico (MALEVAL, 2002).

Talvez o ponto em que se pode localizar uma diferenciação mais clara entre os mecanismos abordados seja a passagem do caso do “Homem dos Lobos”, em que Freud (1918 [1914], p.102), ao falar sobre a alucinação de um dedo cortado da criança do caso, afirma que “Uma repressão [um recalque] é algo muito diferente de uma rejeição”. Ou seja, uma *Verdrängung* é algo muito diferente de uma *Verwerfung*. Esta última seria, de acordo

---

<sup>4</sup> - “La primera referencia de Freud a La *Verwerfung* la caracteriza como un juicio del yo que posee la particularidad de generar una ruptura radical con una realidad imposible de asumir.”

com Maleval (2002), algo que afeta uma corrente psíquica antiga e profunda, em relação à qual não se poderia dizer nem mesmo de um juízo relativo à realidade da castração. A *Verwerfung* é, sem dúvida, uma exclusão mais radical que a *Verdrängung*, sendo caracterizada como um rechaço de saber. Ela opera de uma forma pela qual exclui toda possibilidade de *Bejahung*, como uma rejeição que impossibilita sua ocorrência, acarretando um desamalgamento das pulsões.

Como já foi apontado, é Lacan que define a *Verwerfung* freudiana como forclusão, mecanismo específico da psicose. Ele sempre teve muito interesse pela psicose, debruçando-se sobre o tema desde suas pesquisas em Psiquiatria, tendo desenvolvido, inclusive, uma tese de Doutorado trabalhando a paranóia. Seu ensino, dentro da psicanálise, teve início em uma releitura dos textos freudianos, a partir dos quais passou a formular suas próprias idéias. Dentre estas, a forclusão do Nome-do-Pai como condição para a estruturação de uma psicose, que será tomado como ponto de partida para a investigação da psicose como escolha subjetiva, no ensino de Lacan.

### 3. A PRIMEIRA CLÍNICA DE LACAN: “NÃO FICA LOUCO QUEM QUER”

Se Freud iniciou suas pesquisas em psicanálise a partir da histeria, ou seja, de uma neurose, Lacan, por sua vez, o fez a partir da investigação sobre as psicoses. De formação médica, primeiro em neurologia e, posteriormente, em psiquiatria, ele sempre apresentou interesse pela psicose ou a loucura, como ele mesmo a nomeia em seu texto “Formulações sobre a causalidade psíquica”. Trabalhou, inclusive, um caso de paranóia em sua tese de doutorado, em 1932, intitulada “Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade”.

Ele avança sobre as elaborações de Freud a respeito dos mecanismos específicos da neurose, da perversão e da psicose, localizando-as como estruturas subjetivas. Em 1956, no final do “Seminário 3, As psicoses”, ele define, a partir da *Verwerfung* freudiana, o mecanismo específico da psicose como forclusão, rejeição de um significante fundamental para fora do universo simbólico do sujeito, por ele denominado Nome-do-Pai. Quando a forclusão se produz, esse significante não é integrado no inconsciente como acontece com o recalque na neurose. Afirma que, na psicose, o que é forcluído do simbólico retorna no real, sob forma de alucinação. A forclusão deve ser entendida em contraposição ao recalque na neurose e o desmentido na perversão.

No entanto, esta não foi a única elaboração de Lacan a respeito da psicose. Elas se fazem presentes em muitos momentos no decorrer do seu ensino, e interessam bastante a esta pesquisa. Para abordar o pensamento lacaniano a respeito da psicose como escolha de uma posição subjetiva, optou-se por dividir seu estudo em duas partes, que serão abordadas no presente capítulo e no seguinte. Esta divisão está de acordo com a orientação de Mazzuca, Schejtman e Slotnik (2000). Estes autores apontam que se poderia dividir o ensino lacaniano em dois momentos, referentes à primeira e a segunda clínicas, de acordo com a ênfase no simbólico e no desejo, ou no real e no gozo, respectivamente.

Seu ensino também pode ser entendido de acordo com a proposta de Miller (1994b), na qual haveria um primeiro momento apontado por Lacan como seus antecedentes, época de seu trabalho com a psiquiatria. O que se conhece como seu primeiro ensino teria início em 1953, com o texto “Função e campo da palavra e da linguagem em psicanálise”, no qual introduz a idéia do inconsciente estruturado como uma linguagem e lança uma distinção entre real, imaginário e simbólico. Este primeiro ensino seguiria de 1953 a 1963, momento em que iniciaria do segundo ensino, época que passa a fazer seus seminários sem utilizar comentários diretos dos textos freudianos, lançando mão de seus próprios conceitos, a exemplo de sujeito

barrado, objeto *a* e Outro. Este momento vai de 1963 a 1974, quando se dá uma nova mudança no seu pensamento, passando a tomar a tripartição entre real, simbólico e imaginário como objeto essencial de seu ensino, destacando a importância do real. Este seria o momento do terceiro ou último ensino.

No intuito de trabalhar a obra de Lacan a partir dos dois momentos delineados anteriormente, o “Seminário 20, Mais, ainda” (LACAN, 1972-73/1985), será tomado como o divisor de águas entre as duas clínicas, considerando a primeira desde os antecedentes até o segundo ensino, e a segunda correspondendo ao último ensino. Elas serão abordadas no presente capítulo e no seguinte, respectivamente.

### 3.1. A “escolha” e seu “sujeito”

Neste momento é importante esclarecer dois pontos básicos para o desenvolvimento desta pesquisa: a *escolha* e o *sujeito*.

No tema proposto para estudo, refletido no título desta dissertação, a palavra *escolha* aparece, associada a uma escolha especial pela psicose. Essa expressão “escolha pela psicose” e as perguntas levantadas para dar curso a este trabalho surgiram a partir de Freud e sua “escolha da neurose”, conforme aparece na tradução em português da Edição Standard das obras completas de Freud<sup>5</sup>. No texto de Lacan, no entanto, não há referência apenas à palavra “escolha”, quando se trata do tema pesquisado nesta dissertação. Nele também são encontrados termos como *decisão*, *assentimento*, *eleição* e *escolha forçada*.

Quando se diz de “escolha”, surge o problema do “agente” ou do “sujeito” que a faz, que procede a mesma. Se há alguma espécie de escolha, quem escolhe? Pode-se pensar e até dizer: “o sujeito!”, até mesmo porque Lacan (1965/1998, p.873) afirma que “Por nossa posição de sujeito, sempre somos responsáveis”. Por outro lado, nesta frase está explícito que quando se fala em *sujeito*, ele já é considerado constituído... Como pensar, então, que o próprio sujeito, como efeito dessa escolha, é também responsável por ela? Desta forma, dizer que o *sujeito* escolhe a psicose parece ser um equívoco e esta questão merece aprofundamento.

---

<sup>5</sup> - O termo em alemão é *Neurosenwahl*.

Sabe-se que Lacan utiliza a palavra sujeito em todo seu percurso e que este termo nem sempre significa “sujeito do inconsciente”, tal como ele definiu em um momento de sua obra. Além disso, ele não se refere apenas ao sujeito, mas também usa os termos *eu (Je e moi)*, *ser*, *vivente*, *sujeito em sua estúpida e inefável existência*, *fallasser*, e a todos estes termos, em algum momento, associa a questão de uma *escolha* ou *decisão*, relativas à constituição psíquica.

As questões de uma “escolha” específica, que remete à estrutura subjetiva, e do agente da mesma levam à conclusão de que se deve tomar o agente dessa “escolha” de formas distintas, em cada momento do ensino lacaniano. Assim, no decorrer do texto será esclarecido de que agente e “escolha” se tratam, a partir das indicações do autor.

Outro ponto importante é deixar claro que, nesta dissertação, já não se discutirá se há ou não sujeito na psicose, pois parte-se da convicção de que nela há sujeito. O próprio Miller (1997, p.347), ao comentar a frase lacaniana sobre a responsabilidade do sujeito por sua posição, se pergunta: “Em que sentido sou responsável por minha psicose, por minha perversão e por minha neurose? Que significa isso? Qual é essa responsabilidade?”.

### **3.2. Nos antecedentes de Lacan: “a insondável decisão do ser”**

Lacan, desde a época em que localiza como seus antecedentes (MILLER, 1994b), apostava em uma causalidade psíquica, e não orgânica, para a psicose. No texto “Formulações sobre a causalidade psíquica” realiza um debate sobre a causalidade da loucura, iniciando com uma crítica ao organo-dinamismo de Henri Ey, deixando clara sua aposta em uma psicogênese, referindo-se a ela como a “insondável decisão do ser” (LACAN, 1946/1998, p.179). Neste texto ele é categórico ao questionar, como indicam Álvares, Esteban e Sauvagnat (2004, p.163, tradução nossa): “se a chave da psicose é uma lesão cerebral, ‘o que distingue a esse doente [neurológico] de um louco?’“<sup>6</sup>.

Já neste momento, e durante sua primeira clínica, Lacan acreditava que certas condições deveriam existir para que se instaurasse uma psicose, tanto que tinha escrito, na parede da sala de plantão do hospital onde trabalhava, a seguinte frase: “Não fica louco quem quer”. Aproximava a loucura da questão da liberdade, afirmando que ambas seriam fiéis

---

<sup>6</sup> - [...] si la clave de la psicosis es una lesión cerebral, “¿qué distingue a ese enfermo [neurológico] de un loco?”.

companheiras, dizendo que o ser do homem trazia, em si, a loucura como limite de sua liberdade. Se ele afirmava que “Não fica louco quem quer”, era para apontar, em seguida, que “tampouco é quem quer que atinge os riscos que envolvem a loucura” (LACAN, 1946/1998, p.177). Para ele, a reivindicação de uma aplicação sem limites da liberdade seria característica da psicose.

[...] creio que, ao devolver a causalidade psíquica da loucura à insondável decisão do ser em que ele compreende ou desconhece sua libertação, à armadilha do destino que o engana quanto a uma liberdade que ele não conquistou, não estou formulando outra coisa senão a lei de nosso devir, tal como a exprime a fórmula antiga: *Genoi, oíos essí*.<sup>7</sup> (LACAN, 1946/1998, p.179).

Lacan aponta a causa da loucura como uma *decisão do ser*, ainda que insondável. Dizer em decisão aponta para uma atividade, para um posicionamento em relação à constituição subjetiva psicótica, por parte do próprio psicótico. Alguns autores afirmam que esta é uma referência à escolha da estrutura.

Não há sujeito sem escolha, sem decisão, mas o sujeito que decide é o sujeito do inconsciente. A escolha comporta dois momentos: a escolha da estrutura e a escolha do tipo de neurose. A escolha da estrutura é a insondável decisão do ser. Trata-se de escolher entre neurose e psicose. (SARMENTO, 1997, p.53).

Outros colocam questões a respeito da insondável decisão do ser.

O que quer dizer “a insondable decisão do ser? Como pode ser que alguém escolha a psicose? [...] como pode existir um sujeito, em que posição está um sujeito, para não consentir com a impostura do pai, para dizer “não admito isso”? (tradução nossa)<sup>8</sup>. (ALEMÁN, 1995, p.24).

Mesmo que ainda não tivesse elaborado suas formalizações da década de 50, sobre a constituição do sujeito pela linguagem, sobre o sujeito como uma posição adotada com relação ao Outro enquanto linguagem, Lacan já afirmava que o fenômeno da loucura era ligado ao problema da linguagem para o homem.

Neste texto de 1946 ele também fala em sujeito, não do modo como o faz posteriormente, mas relacionando-o às identificações imaginárias que constituiriam o *Eu*. Desta forma, Lacan localiza a causalidade psíquica nas identificações imaginárias e nas

<sup>7</sup> - Seja quem tu és.

<sup>8</sup> - ¿Qué quiere decir “la insondable decisión del ser”? ¿Como puede ser que alguien elija la psicosis? (...) ¿como puede ser que exista un sujeto, en qué posición está un sujeto, para no consentir a la impostura del padre, para decir “no admito esto”?

determinações da *imago*. Elas se referem a suas teorizações sobre o imaginário e a constituição do *Eu* como ligada à alienação a uma imagem totalizante do corpo. Estas elaborações são desenvolvidas por ele em textos sobre o estádio do espelho, nas décadas de 30 e 40.

### **3.2.1. A constituição do *Eu* no estádio do espelho**

Em 1946, Lacan deixa claro que o *Eu* não deve ser confundido com o ser do sujeito, nem com as sínteses das funções de relação do organismo, mas que deve ser visto como um sistema central das formações da *imago*, das identificações ideais que compõem a história de um sujeito.

Ele desenvolve a idéia de que o *Eu* representa o ser do sujeito, mas apontando o quanto ele é limitado em relação a esta representação, já que quase toda a vida do organismo lhe escapa. Para ele o *Eu* se constitui a partir de uma alienação fundamental em uma imagem que vem do outro. O primeiro efeito da *imago*, no ser humano, é a alienação do sujeito, em oposição à prematuração do nascimento do homem. Assim se constitui o narcisismo, a ilusão fundamental da qual o homem é escravo. “É no outro que o sujeito se identifica e até se experimenta a princípio.” (LACAN, 1946/1998, p.182). A função da *imago* é instaurar no ser uma relação fundamental de sua realidade com seu organismo.

Lacan (1946/1998, p.186) retoma as elaborações sobre o estádio do espelho, de seu texto de 1938, dizendo da “assunção triunfante da imagem, com a mímica jubilatória que a acompanha”, em relação à captação identificatória pela *imago*.

Conforme já foi indicado, neste momento do ensino, o que estava colocado não era ainda o sujeito do inconsciente estruturado como uma linguagem, trabalhado na década de 50, em seu primeiro ensino, mas, um *Eu* que se constituía a partir das *imagos*. A ênfase estava na constituição do *Eu* a partir do imaginário, da alienação na imagem que vinha do outro, constituindo uma identificação primordial.

Em “Os complexos familiares na formação do indivíduo” Lacan (1938/2003) explora as *imagos* fundadoras da personalidade, relacionando-as à alienação a uma totalidade imaginária, e aponta três fases críticas para o desenvolvimento da criança: os complexos de desmame, de intrusão e do Édipo.



O complexo de desmame diz respeito a uma marca permanente da interrupção da relação biológica entre a criança e a mãe. Essa crise vital se faria acompanhar de uma crise psíquica, que deveria ser resolvida em uma intenção mental, através da qual o desmame seria aceito ou rejeitado. Desta forma, percebe-se que aqui se apresenta uma forma de decisão da criança, mas não uma escolha em que o *Eu* afirmaria ou negaria algo conscientemente. Ela se coloca em uma ambivalência primordial, que põe em jogo o sujeito ainda inexistente e a *imago* que adquire consistência *a posteriori*.

No complexo de intrusão, também denominado como estágio do espelho, o sujeito deveria se alienar em uma totalidade imaginária. Este é o momento em que apareceria uma rivalidade experimentada em relação a seu ser e sua imagem, identificada à de outro, o semelhante. Nesta mesma época, dar-se-ia a ocorrência do complexo de Édipo, havendo o surgimento da figura do pai, além das figuras já existentes, a materna e o rival.

Em “O estágio do espelho como formador da função do eu”, Lacan (1949/1998) fala sobre a constituição da imagem da criança a partir de uma imagem especular, seguindo com suas elaborações anteriores a respeito desse estágio. Posteriormente, na década de 60, ele elabora o esquema ótico, numa tentativa de ir além da inicial ênfase no imaginário em relação à constituição do *Eu*. Nesta época já havia formulado a metáfora paterna e já indicava a importância do simbólico na constituição subjetiva, para além do imaginário. A partir desta nova teorização, que será abordada mais adiante, fica também colocada a importância do simbólico para a constituição da imagem narcísica da criança, sendo este simbólico localizado no olhar e na palavra do Outro. Para além de uma referência à imagem, no espelho, deve vir uma palavra que nomeie a criança, para que ela possa se identificar à imagem (FERNANDES, 2000).

Estas formulações pertencem a uma época posterior do ensino de Lacan, que serão abordadas um pouco mais à frente. Para seguir uma cronologia, no intuito de entender a evolução do pensamento lacaniano, passar-se-á agora a trabalhar suas elaborações a respeito da constituição do sujeito em relação à linguagem, ao simbólico. Seu início data de 1953, com o texto “Função e campo da palavra e da linguagem em psicanálise”. É nele que o autor lança o conceito do inconsciente estruturado como uma linguagem e passa a distinguir os registros do real, imaginário e simbólico, passando então a enfatizar esse último, inclusive em relação à constituição psíquica.

### 3.3. A psicose no primeiro ensino: *Verwerfung*, a forclusão do Nome-do-Pai

Lacan dedicou um ano de seu ensino a um seminário exclusivo sobre as psicoses, entre 1955 e 1956. Enquanto trabalhava este seminário produziu, também, o importante “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose” (LACAN, 1957-58a/1998), publicado apenas dois anos depois. Nestes trabalhos ele desenvolve a teoria da psicose como decorrente da forclusão do significante Nome-do-Pai no campo do Outro e introduz a importante discussão sobre a constituição e o tratamento da psicose.

Para entender as elaborações destes textos de Lacan é preciso, primeiro, tomar como referência as formulações sobre a constituição subjetiva desta época, tanto neles quanto no “Seminário 5, As formações do inconsciente” (LACAN, 1957-58b/1999). Nesta época, retoma o Édipo freudiano o abordando a partir da metáfora paterna, e o define como o divisor de águas entre os campos da neurose e da psicose. Nesta metáfora deveria ocorrer uma substituição significativa, do Desejo-da-Mãe pelo Nome-do-Pai, ocorrendo o advento da significação fálica para o sujeito.

$$\frac{\text{Nome-do-Pai}}{\text{Desejo-da-Mãe}} \cdot \frac{\text{Desejo-da-Mãe}}{\text{Significado para o sujeito}} \rightarrow \text{Nome-do-Pai} \left( \frac{A}{\text{falo}} \right)$$

Figura 3: Esquema da metáfora paterna

Na neurose esta operação acontece e o sujeito se constitui como desejante ao conseguir localizar o Outro como faltoso. Na psicose há uma forclusão significativa, sendo que, no ponto em que o Nome-do-Pai foi chamado, responde simplesmente um furo no Outro, ocasionando uma carência da metáfora e o não funcionamento da função fálica. Para Lacan, na psicose ocorre uma *Verwerfung*, que indica a ausência de uma *Bejahung*, a afirmação de um significante primordial.

É num acidente desse registro e do que nele se realiza, a saber, na forclusão do Nome-do-Pai no lugar do Outro, e no fracasso da metáfora paterna, que apontamos a falha que confere à psicose sua condição essencial, com a estrutura que a separa da neurose. (LACAN, 1957-58a/1998, p.582).

É interessante notar que ele aponta a forclusão como um acidente, o que pode levar a pensar que ela teria algo de contingente. Porém, ao mesmo tempo, também aponta para a importância das figuras com as quais um sujeito irá operar em sua estruturação psíquica, quando trabalha com o “Esquema L” na “Questão preliminar”, texto em que aborda a psicose, e no qual localiza as relações simbólicas e imaginárias do sujeito. Para ele, “o estado do sujeito S (neurose ou psicose) depende do que se desenrola no Outro A” (LACAN, 1957-58a/1998, p.555). Ao mesmo tempo, indica que o sujeito está implicado nisso, já que é parte integrante do esquema, nos quatro cantos.

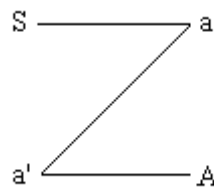


Figura 4: Esquema L da “Questão preliminar”

S é o que ele chama de o sujeito em “sua inefável e estúpida existência”, *a* seus objetos, *a'* o *eu*, e A o Outro, “lugar de onde lhe pode ser formulada a questão de sua existência.” (LACAN, 1957-58a/1998, p.555). Fica claro, neste ponto, que o autor indica a implicação do sujeito em sua própria estruturação, e é interessante notar que ele fala desse sujeito em “sua inefável e estúpida existência”, ou seja, este ainda não é o sujeito barrado, mas em constituição.

Além de indicar a questão da contingência e da implicação desse sujeito na sua constituição, Lacan também é claro quanto à importância da posição dos pais em relação à mesma. Ele diz, nessa época, da importância que a mãe deve dar à palavra do pai, do lugar que ela reserva para ele na promoção da lei, e também da relação desse pai com a lei. Assim, fornece um entendimento sobre a psicose não como determinação, nem como uma espécie de livre escolha desse sujeito, mas como uma junção de condições, que podem ser entendidas da seguinte forma:

O sujeito, por outro lado, entra no jogo como morto, mas é como vivo que irá jogá-lo, é em sua vida que precisará usar o naipe que naquela ocasião ele anuncia. Ele o fará servindo-se de um *set* de figuras imaginárias, selecionadas dentre as inúmeras formas das relações anímicas, e cuja escolha comporta uma certa arbitrariedade, já que, por superpor-se homologicamente ao ternário simbólico, ela tem de ser numericamente reduzida. (LACAN, 1957-58a/1998, p.558).

Ou seja, há escolha por parte do sujeito, mas as possibilidades são limitadas, devido às contingências que se apresentaram em sua vida.

Ainda nesta época de seu ensino, no “Seminário 5, As formações do inconsciente”, (LACAN, 1957-58b/1999), ele fornece outra elaboração que permite tomar a psicose como uma escolha. Ao trabalhar a metáfora paterna, ele retoma um assunto anteriormente abordado no “Seminário 4, As relações de objeto” (LACAN, 1956-57/1995), no qual aponta três operações que deveriam ocorrer durante a vivência edípica: a frustração, a privação e a castração. Cada uma dessas operações seria executada por um agente sobre um objeto, mas é a operação de privação que interessa retomar nesta pesquisa, já que é em relação a ela que Lacan afirma haver a questão de um aceite por parte da criança. A privação é uma operação real, realizada pelo pai imaginário, sobre um objeto simbólico, o falo. Nela, o pai priva a mãe do falo.

[...] é no plano da privação da mãe que, num dado momento da evolução do Édipo, coloca-se para o sujeito a questão de aceitar, de registrar, de simbolizar, ele mesmo, de dar valor de significação a essa privação da qual a mãe revela-se o objeto. Essa privação, o sujeito infantil a assume ou não, aceita ou recusa. Esse ponto é essencial. (LACAN, 1957-58b/1999, p.191).

Deve-se ter em mente que, ao estudar a constituição subjetiva, neste momento, é preciso levar em conta que existem quatro elementos em questão, articulando-se: a criança, a mãe, o pai e o falo. A criança se relaciona ao falo na medida em que este é o objeto do desejo da mãe. A privação é situada como ponto nodal do Édipo, e poderiam existir tipos de configurações da relação da criança com a mãe, o pai e o falo, havendo em cada tipo de relação alguma forma de identificação da criança com o falo. Tais relações seriam diferentes na neurose, na psicose e na perversão.

Lacan (1957-58b/1999) afirma, então, que a questão em relação à privação está colocada entre ser ou não ser o falo, no plano imaginário, e aponta para uma atividade do sujeito, ao dizer que este fica na situação de escolher.

Ponham esse *escolher* entre aspas, porque o sujeito é tão passivo quanto ativo nisso, pela simples razão de que não é ele quem manipula as cordinhas do simbólico. A frase foi começada antes dele, foi começada por seus pais, e aquilo a que pretendo conduzi-los é precisamente a relação de cada um desses pais com essa frase começada, e a maneira como convém que a frase seja sustentada por uma certa posição recíproca dos pais em relação a ela. Mas digamos, uma vez que convém nos exprimirmos bem, que existe, em termos neutros, uma alternativa entre ser ou não ser o falo (LACAN, 1957-58b/1999, p.192).

Até este momento ele toma a questão da constituição psíquica enquanto extremamente dependente do Outro simbólico, ou do significante Nome-do-Pai. No ano seguinte, ele empreende um trabalho no qual irá abordar o problema do objeto na psicanálise, a partir de uma retomada sobre *das Ding*, a Coisa freudiana, voltando seu olhar não apenas para a importância do simbólico, mas também a do real, inclusive em relação à estruturação subjetiva.

### **3.3.1. A escolha da neurose como o primeiro assento da orientação subjetiva**

No “Seminário, livro 7, A ética da psicanálise”, Lacan (1959-60/1997) irá dizer de *das Ding* como uma falta primordial que está na origem da constituição do desejo. Como ele se refere ao sujeito como sujeito de desejo, pode-se entender que esta falta estaria, então, na origem da constituição do próprio sujeito. Ela não seria relativa a um objeto primordial, que esteve presente em um momento mítico e depois foi perdido, mas é a condição do surgimento do próprio desejo, indicando inclusive a impossibilidade de acesso a um objeto de gozo.

Para ele, *das Ding* é um furo no real introduzido pela ordem significante, um vazio no centro do real, que se apresenta como nada e designa uma exclusão, em torno do qual a articulação significante é determinada a se organizar.

Estando então na origem da experiência do desejo, sendo condição para sua possibilidade, é pertinente que ele diga que a primeira orientação subjetiva, a “escolha da neurose”, seria feita em relação a *das Ding*.

Pois bem, aqui, é em relação a esse *das Ding* original que é feita a primeira orientação, a primeira escolha, o primeiro assento da orientação subjetiva que chamaremos, no caso, de *Neurosenwahl*, a escolha da neurose. Essa primeira moagem regulará doravante toda a função do princípio do prazer. (LACAN, 1959-60/1997, p.72).

Se até então Lacan apontava para uma escolha relativa à constituição subjetiva concernente ao simbólico, ao consentimento do sujeito em relação ao Nome-do-Pai ou o aceite da privação da mãe, agora ele volta essa escolha para algo do real. A importância do real ficará cada vez mais evidente em seu ensino, como se pode notar a partir de suas formulações a respeito do objeto *a*.

### 3.3.2. *O objeto a na constituição subjetiva*

Lacan nunca deixou de notar que havia algo de que o simbólico não dava conta, talvez de forma semelhante ao que Freud percebeu e nomeou como o que se colocava “para além do princípio do prazer”, ao elaborar sua segunda tópica. Freud apontou a pulsão de morte como algo que repetia e retornava sempre ao mesmo ponto. Lacan, ao retomar o ensino de Freud, irá associar a pulsão ao real e ao objeto *a*, teorizando-o como resto não simbolizável da operação de significação, resto que não pode ser tratado pelo simbólico e que provoca a repetição.

Ele indica a importância do objeto *a* na constituição subjetiva, como se pode notar a partir do que ele desenvolve em “Observação sobre o relatório de Daniel Lagache” (LACAN, 1960a/1998). Neste texto aborda o estádio do espelho e avança sobre esta teorização propondo o esquema ótico.

Antes de a criança existir em si, por si e para si, ela existe para outro, sendo um pólo de expectativas e anseios. Desde o seu nascimento, e mesmo antes dele, ela está cheia de atributos, significantes ligados a um discurso, o discurso do Outro. Devido a uma anterioridade da relação com o discurso do Outro, há uma determinação do desejo em relação ao desejo desse Outro, relativa aos efeitos significantes de tais atributos no sujeito. O sujeito deveria surgir a partir dos significantes que o abarcam num Outro.

No entanto, para além da relação com o significante, estaria em jogo também, na constituição do sujeito, uma relação dele com as pulsões.

As pulsões ex-sistem. Não estará também nisso, para o sujeito, sua chance de existir? Quando a linguagem se intromete na história, as pulsões têm que se proliferar, e a pergunta é saber como o sujeito há de encontrar nela um lugar qualquer. A resposta vem no furo que ele cava para si na linguagem. (LACAN, 1960a/1998, p.668).

Nota-se neste ponto que ele indica que é a partir da relação do sujeito com a pulsão que este advém, ao conseguir cavar para si um lugar, tal como ele afirma ser em relação à *das Ding* que se daria a primeira orientação subjetiva.

O sujeito se constitui como furo, e não como consistência. Vale lembrar que Lacan apontava o sujeito como o que é representado por um significante para outro significante, ele não tem qualidade, sendo pura falta-a-ser.

Ele diferencia o sujeito do desejo do *Eu* designado pelo discurso, afirmando que este seria apenas o sujeito do enunciado, que revela uma função de desconhecimento ao vir ocupar o lugar vazio deixado pelo sujeito. Essa função de desconhecimento que sua concepção sobre o estádio do espelho inaugura, como princípio da formação do *Eu*, tem relação com a assunção da imagem especular.

Na constituição da imagem especular não está em jogo apenas a imagem do outro, como semelhante, mas também uma posição da criança, seu olhar, que deve se voltar para o Outro que a segura, numa busca de reconhecimento da sua imagem, relacionada aos atributos que ela mesma carrega e que vieram desse Outro.

É que o Outro em que o discurso se situa, sempre latente na triangulação que consagra essa distância, não o é a tal ponto que não se exponha até mesmo na relação especular em seu momento mais puro: no gesto pelo qual a criança diante do espelho, voltando-se para aquele que a segura, apela com o olhar para o testemunho que decanta, por confirmá-lo, o reconhecimento da imagem, da assunção jubilatória em que por certo ela já estava.

Esse ser se coloca com a anterioridade de limite que o discurso lhe assegura, naquela reserva de atributos em que dizemos que o sujeito tem que forjar um lugar. (LACAN, 1960a/1998, p.685).

É clara a posição de Lacan quanto a uma atividade da criança em relação a voltar seu olhar para o Outro, em busca de reconhecimento. Ele afirma que o sujeito tem que forjar um lugar, ou seja, este lugar a partir do qual ele se constitui não é dado desde o início. Ele indica também neste momento a importância do objeto *a* na constituição subjetiva, localizando o mesmo como objeto de desejo e destacando-o como elemento da estrutura desde a origem.

Refletido no espelho, ele não fornece apenas *a'*, o padrão de troca, a moeda pela qual o desejo do outro entra no circuito dos transitivismos do eu ideal. Ele é restituído ao campo do Outro na função de expositor do desejo no Outro.

É isso que lhe permite assumir seu valor eletivo, figurar na fantasia aquilo diante do qual o sujeito se vê abolir-se, realizando-se como desejo. Para ter acesso a esse ponto, situado para-além da redução dos ideais da pessoa, é como objeto *a* do desejo, como aquilo que ele foi para o Outro em sua ereção de vivente, como o desejado ou não desejado de sua vinda ao mundo, que o sujeito é chamado a renascer para saber se quer aquilo que deseja. (LACAN, 1960a/1998, p.689).

Nesta passagem fica evidente que, além da função imaginária que o *Eu* viria cumprir, no estádio do espelho estaria colocada a relação do sujeito com o objeto *a* enquanto causa de desejo, ou seja, enquanto essencial para a sua própria constituição.

A partir da discussão relativa à *das Ding* e ao objeto *a*, Lacan progride em sua teoria, dando cada vez mais importância ao real e o gozo, mas estando também atento à importância do simbólico na constituição subjetiva. Conforme indicado na introdução deste capítulo, a

partir do início da década de 60 pode-se localizar o ponto em que inicia o segundo ensino de Lacan. O “Seminário, livro 11, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise” será tomado como ponto de virada do primeiro para o segundo ensino.

### **3.4. O segundo ensino e a escolha forçada**

A questão da constituição subjetiva é tomada, neste momento do ensino lacaniano, a partir do que o autor desenvolve a respeito das operações de alienação e separação, no “Seminário, livro 11, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise” (LACAN, 1964/1998). Tanto neste Seminário como no “Seminário, livro 13, O objeto da psicanálise” (LACAN, 1965-66) e no “Seminário, livro 14, A lógica da fantasia” (LACAN, 1966-67), ele desenvolve idéias sobre o que chama de “escolha forçada” em relação á estruturação psíquica.

Além dessas indicações, no que diz respeito à constituição subjetiva, nesta época ele lança seu olhar para a relação do sujeito com o gozo do Outro, enfatizando menos a relação do sujeito com o desejo do Outro, o que provoca, posteriormente, a virada para outro momento de seu ensino.

#### ***3.4.1. As operações de alienação-separação e a estruturação da psicose***

Lacan desenvolve, no “Seminário 11, Os quatro conceitos fundamentais em psicanálise”, as operações de alienação-separação como constitutivas do sujeito. Estas operações são trabalhadas por ele com base na teoria dos conjuntos, e dizem respeito a operações lógicas, que deveriam ocorrer simultaneamente. Ao mesmo tempo em que o sujeito deveria alienar-se ao significante que vem do campo do Outro, qualificado como tesouro de significantes, único lugar no qual pode advir, ele também deveria operar uma extração do objeto, que fundaria uma falta relativa tanto ao sujeito quanto ao Outro, constituindo ambos como desejantes.

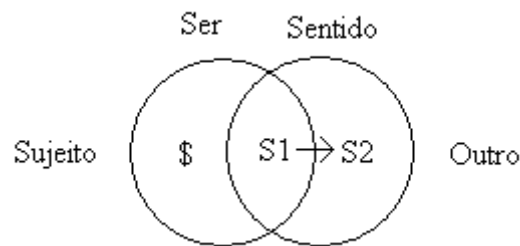
Para ele, o sujeito depende do primeiro significante que está no campo do Outro, a cadeia significante, campo do vivo, único lugar onde pode aparecer. Quando há o advento do



S1, na operação de alienação, o sujeito perde parte do seu ser ao se fazer representar por um significante e só irá existir, enquanto tal, representado para outro significante.

O significante produzindo-se no campo do Outro faz surgir o sujeito de sua significação. Mas ele só funciona como significante reduzindo o sujeito em instância a não ser mais que um significante, petrificando-o pelo mesmo movimento com que o chama a funcionar, a falar, como sujeito (LACAN, 1964/1998, p.197).

A operação de alienação é ilustrada por Laurent (1997, p.37) da seguinte forma:



*Figura 5: Operação de alienação*

Como indica Miller (1994b), o sujeito para Lacan não está dado desde o início. Ele deve se constituir no lugar do Outro que preexiste. Desta forma, a estrutura é algo que captura o ser vivo que fala, escravizando o sujeito, fragmentando-o em efeitos de significante. Ao alienar-se no significante que vem do campo do Outro, o sujeito fica petrificado por um significante mestre, mas perde uma parte do seu ser. Além disso, o sujeito nunca pode ser totalmente representado por significantes, ficando sempre um resto.

Como as operações de alienação-separação devem ser lidas como ocorrendo simultaneamente, deve-se entender que a partir da captura do ser vivo na estrutura, ocorre também a perda constitutiva do objeto. Laurent (1997, p.37) aponta que o resto que fica da operação de constituição do sujeito está tanto com este quanto com o Outro, ilustrando a operação de separação da seguinte maneira:

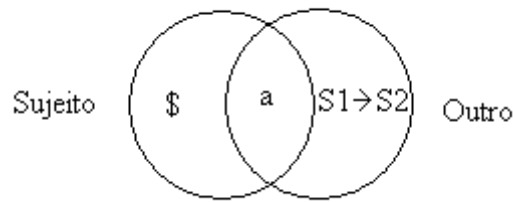


Figura 6: Operação de separação

Lacan localiza o Outro como quem insere a criança na linguagem e no campo do gozo, ou seja, em relação ao significante e ao objeto *a*, ao real, ao pulsional. Esta operação de extração do objeto é possibilitada pelo fato de que o significante não pode dizer tudo de um sujeito, havendo sempre um resto da operação significante, o objeto *a*.

Frente às operações de alienação-separação deve haver um assentimento por parte do sujeito.

Existe uma eleição do sujeito frente a estas operações lógicas. O sujeito elege a cadeia significante ou o vazio [...] Quando a operação de separação não se inscreve, a extração do objeto se torna inoperante (TENDLARZ, 1997, p.41).

Além disso, em relação à alienação haveria uma escolha que Lacan (1964/1998, p.200) chama de *vel* da alienação. Ele diz que o tipo de escolha colocada aí é de forma que qualquer que seja a escolha que se opere, a consequência é um “nem um, nem outro”.

Ao falar sobre a escolha forçada utiliza a metáfora “a bolsa ou a vida” e localiza o *ou* alienante na linguagem, dizendo que não se trata de uma invenção arbitrária. Se o sujeito escolhe a vida, perde a bolsa. Se escolhe a bolsa, perde ambas.

O *vel* alienante diz respeito à primeira alienação, pela qual o homem entra na via da escravidão, ou seja, assente com um assujeitamento ao significante, determinando a queda do objeto *a*. Prossequindo sobre suas idéias a respeito do *vel* alienante, Lacan fornece uma indicação preciosa para esta pesquisa. Ele coloca a escolha em relação à “liberdade ou a vida”, sendo que ao se escolher a vida, só se a tem enquanto amputada de liberdade; ao se escolher a liberdade, perde-se as duas imediatamente.

Se o sujeito assente com a nomeação do simbólico, com o significante que vem do Outro para representá-lo, ele entra na via da escravidão, passa a ser escravo da linguagem, sendo esta a posição do sujeito neurótico. Neste caso, as operações de alienação-separação inscrevem-se simultaneamente, ou seja, no momento em que o sujeito assente com o S1 que

vem do campo do Outro, opera-se a extração do objeto *a*, que se constitui como uma falta do sujeito e do Outro, constituindo ambos como desejantes.

Na psicose tem-se uma situação diferente. Nela há a ocorrência da alienação sem a separação. O sujeito é de alguma forma tocado pelo S1, mas não opera a extração do objeto. É o que Lacan aponta como fator letal quando diz de uma escolha que fica posta entre a morte e a liberdade.

Vocês escolhem a liberdade, muito bem!, é a liberdade de morrer. Coisa curiosa, nas condições em que lhes dizem a liberdade ou a morte!, a única prova de liberdade que vocês podem fazer nas condições que lhes indicam, é justamente a de escolher a morte, pois aí, vocês demonstram que vocês têm a liberdade de escolha (LACAN, 1964/1998, p.202).

Ainda que o S1 tenha se apresentado ao sujeito, parece que este recua da posição de ser representado por ele, frente ao S2. O S1 existe, mas não organiza a cadeia significante, não funda o inconsciente. S1 e S2 ficam holofraseados, não há espaço entre eles, onde um sujeito barrado poderia advir. No caso da psicose o assentimento ao significante não se dá da mesma forma como na neurose, o sujeito fica em posição de liberdade, mas decretando sua morte enquanto sujeito do inconsciente, não constituindo o Outro nem ele próprio como desejantes.

No autismo, considerado nesta dissertação como pertencendo ao campo das psicoses, se teria ainda uma terceira posição, tratando-se de um sujeito que não assentiu com nada que viesse do campo do Outro, não realizando nem mesmo a operação de alienação.

Assim, pode-se entender que o *vel* alienante não coloca apenas uma escolha em relação à operação de alienação, mas sim que no tipo de escolha que se faz em relação à esta primeira operação está incluída uma conseqüência em relação à segunda.

Se na alienação o que está colocado é a relação do sujeito com o significante que vem do campo do Outro, na separação o que está em jogo é o desejo desse Outro, que aparece a partir de um ponto de falta do mesmo. Na alienação haveria uma escolha forçada pela própria estrutura da linguagem, que diz respeito ao assentimento ou não, pelo sujeito, do significante que vem do campo do Outro, o representar.

Na separação, o sujeito deve conseguir localizar um ponto em que o Outro falta, para constituir a ele e a si próprio como desejantes. A localização de uma falta no Outro permitirá a formulação de uma pergunta sobre o desejo desse Outro: “o que ele quer?”. O desejo do Outro é apreendido pelo sujeito nas faltas do seu discurso, nos intervalos significantes, e é isso que possibilita a constituição do seu próprio desejo.

Porém, estas operações não podem ser entendidas separadamente. Dependendo do tipo de escolha que recai sobre o *vel* alienante, determina-se de forma distinta, como foi exposto anteriormente, a ocorrência ou não da operação de separação.

Soler (1985) aponta que quando Lacan fala em escolha forçada ele está se referindo a uma obrigação do ser falante, na medida em que a linguagem está colocada para todos desde o início, e que tal escolha aponta sempre para uma perda, uma opção, uma posição do sujeito. O que ocorre na psicose é que o sujeito paga o preço de morrer enquanto sujeito do inconsciente, para não tornar-se escravo da linguagem.

As operações de alienação e separação podem ser aproximadas da *Bejahung* e da *Austossung* freudianas, operações de afirmação e de expulsão, que devem ocorrer simultaneamente, para que o sujeito advenha do campo do Outro, representado por um significante, mas também marcado pela extração do objeto.

A *Bejahung* seria um “sim”, a afirmação primordial, primária, relativa ao simbólico, ao semblante, e a *Verwerfung* um rechaço, referente a esse “sim” fundamental. Alemán (1995) indica que qualquer mecanismo, em psicanálise, nunca funciona como algo automático, nem mesmo a forclusão. Ele aponta que Lacan localiza a insondável decisão do ser antes mesmo da forclusão, e que não se pode confundi-la com nenhum tipo de voluntarismo ou escolha subjetiva consciente, sendo uma decisão que se coloca como limite do pensamento. Na psicose, a insondável decisão do ser estaria colocada em relação a algo que diz não à *Bejahung*, que não assente com esta afirmação primordial. Com a ocorrência da *Verwerfung*, as operações de afirmação e expulsão não acontecem.

Na neurose, o sujeito faz uma eleição pela cadeia significante e, no momento em que inscreve as operações de alienação-separação, se aliena no significante do Outro, sendo operada a extração do objeto *a*. Na psicose, sem o assentimento ao significante que vem do campo do Outro, torna-se inoperante a extração do objeto *a*. No lugar de uma afirmação que ocorre simultaneamente a uma expulsão, encontra-se uma forclusão, uma rejeição que provoca, ao invés da identificação do sujeito ao significante, sua identificação ao objeto *a*, não enquanto causa de desejo, mas como resto, dejetivo.

É neste contexto que Lacan indica que não é só em relação ao significante que a questão da estruturação subjetiva se desenrola.

### 3.4.2. *A relação do sujeito ao saber, ao gozo e ao objeto a*

Laurent (1997) indica que o sujeito, além de se definir na cadeia significante, também o faz no nível das pulsões, em termos de seu gozo em relação ao Outro.

O sujeito é fundamentalmente um objeto do gozo do Outro, e seu primeiro status como *enfant* é ser uma parte perdida desse Outro, o Outro real (geralmente, a mãe). Ele começa a viver no lugar do objeto *a*, e em seguida tem de se identificar com aquela parte perdida e ingressar na cadeia de significantes. Ele irá tentar [...] “assumir suas identificações primárias” [...]. Sua identificação primária, num sentido, é com o significante-mestre. Num sentido mais profundo, sua identificação primária é com um objeto que ele irá definir no final. É a identificação completa: aquilo que ele foi, como tal, no desejo do Outro, não apenas no nível simbólico do desejo, mas como substância real envolvida no gozo. Ele só pode tentar recuperá-lo ou identificá-lo dentro do desenvolvimento da cadeia de significantes (LAURENT, 1997, p.44).

Percebe-se que Lacan (1965) se aproxima cada vez mais da causa real do sujeito, ao dizer de sua determinação não só pelo significante, mas também pelo objeto *a* como causa de desejo e do próprio sujeito.

Quinet (1993, p.2) afirma que a orientação subjetiva do sujeito “é dada pelas coordenadas simbólicas comandadas pelo objeto que escapa justamente à determinação significante”, e que

[...] o sujeito não é causa de si, mas a causa do sujeito tampouco se encontra no Outro, no Outro do significante. É certo que o sujeito é determinado pelo significante, pois o Outro é prévio ao sujeito. É por intermédio do desejo do Outro que o sujeito advém ao simbólico. A determinação do sujeito pelo Outro o aliena aos significantes que selam seu destino [...] (QUINET, 1993, p.4).

No “Seminário 16, De um Outro ao outro”, Lacan se vale da expressão freudiana “escolha da neurose” para dizer das relações primordiais do sujeito:

Seu único móbil, é claro, está sempre na maneira como se apresentam os desejos no pai e na mãe, isto é, na maneira como eles efetivamente ofereceram ao sujeito o saber, o gozo e o objeto *a*. É isso que nos deve incitar, por conseguinte, a não apenas explorar a história do sujeito, mas o modo de presença pelo qual lhe foi oferecido cada um dos três termos. É aí que reside o que chamamos impropriamente de escolha da neurose, ou de escolha entre psicose e neurose. Não houve escolha, porque a escolha já fora feita no nível do que foi apresentado o sujeito, e isso só é demarcável e perceptível em função dos três termos, tal como vimos tentando destacá-los aqui. (LACAN, 1968-69/2008, p.321)

Esta colocação é de suma importância para esta dissertação, pois indica que a escolha da psicose deve ser pensada a partir da relação do sujeito com o saber, o gozo e o objeto *a*. Lacan é claro ao dizer que o desejo dos pais se apresenta em relação à maneira pela qual eles oferecem ao sujeito esses três termos, e que é isso o que determina a escolha da neurose ou da psicose.

Assim, localizando a escolha no nível da relação do sujeito, ou melhor dizendo, do vivente, enquanto sujeito em constituição, com esses três termos, pode-se avançar no ensino lacaniano e retomar o que é indicado a respeito da relação do sujeito ao gozo na constituição subjetiva.

### ***3.4.3. A relação ao gozo do Outro na constituição subjetiva***

No “Seminário 17, O avesso da psicanálise”, Lacan (1969-70/1992, p.105) afirma: “Um grande crocodilo em cuja boca vocês estão – a mãe é isso. Não se sabe o que lhe pode dar na telha, de estalo fechar sua bocarra. O desejo da mãe é isso.”. Nota-se que esta formulação é bem diferente da metáfora paterna que, segundo Alemán (1995), já localizava a mãe em sua dimensão significante, enquanto submetida à castração, sendo que nada em relação ao seu gozo era levado em conta. Esta fórmula seria então, insuficiente para explicar como o Outro, referente ao simbólico, substituiu o gozo, como o gozo primário se tornou significante.

Ainda no “Seminário 17”, Lacan diz que haveria um “rolo de pedra”, falo, colocado em potência, no nível da bocarra do crocodilo, que poria o sujeito a salvo se a boca se fechasse. Ao retomar o Édipo freudiano, fala sobre o assassinato do pai e o gozo da mãe, afirmando: “A gente goza com a mãe e a mãe goza” (LACAN, 1969-70/1992, p.106). O que se pode entender dessa nova elaboração é que o que se apresenta à criança, inicialmente, não é o desejo da mãe enquanto já delimitado pelo simbólico, e sim o gozo dessa mãe, ou um desejo caprichoso, não mediado pela lei do pai, pelo significante.

Nas “Notas sobre a criança” (LACAN, 1969/2003) fala brevemente sobre duas formas do sintoma da criança se apresentar. Uma, em relação à verdade do par familiar, e outra, relativa ao posicionamento da criança como objeto da fantasia materna. Se a criança está localizada nesta posição, está colocada como objeto *a* e não como falo, objeto do desejo materno. Há uma diferença entre o posicionamento da criança enquanto falo ou objeto *a*.

Estas indicações de Lacan servem de base para as mudanças que se localizam em seu ensino a partir da década de 70 e que serão abordadas com relação ao tema desta pesquisa no capítulo que segue.

#### 4. A SEGUNDA CLÍNICA DE LACAN: “TODO MUNDO É LOUCO, QUER DIZER, DELIRANTE”

Na segunda clínica, ou como se conhece como o último ensino de Lacan, a ênfase recai cada vez mais sobre o real e o gozo, diferentemente da ênfase no desejo e no simbólico, presente na primeira clínica.

Ainda no final da década de 60, no “Seminário, livro 16, de um Outro ao outro”, Lacan (1968-69/2008) apresenta uma nova consideração a respeito do Outro, indicando sua inconsistência. Com o matema  $S(\bar{A})$  ele denuncia a falta fundamental presente no simbólico para todo ser falante, ou *falasser*, tradução de *parlêtre*, forma como ele passa a se referir ao sujeito (Miller, 2002a).

Se antes o Outro era tomado como tesouro de significantes, único campo do qual o sujeito poderia advir, agora Lacan afirma, como indica Miller (2000) que “o Outro não existe”, “A relação sexual não existe” e o que há é o gozo. Gozo enquanto gozo do corpo próprio, do Um. Gozo idiota, solitário, que não estabelece relação com o Outro. O foco é a relação do *falasser* com o gozo, e não mais a relação do sujeito com o desejo do Outro, como na primeira clínica. O surgimento do sujeito é tomado como proveniente da relação indizível com o gozo.

Frente a tantas mudanças cabe percorrer um pouco alguns desses novos conceitos, no intuito de iluminar o estudo relativo à psicose como escolha de uma posição subjetiva, que neste momento passa a ser relacionada a uma escolha relativa ao modo de gozo.

##### 4.1. *Lalíngua e a relação do falasser ao gozo*

No “Seminário, livro 20, Mais, ainda”, tomado nesta dissertação como ponto de partida do último ensino lacaniano, a relação do *falasser* com o gozo é destacada. O lugar do gozo é o corpo, que tem relação com o vivo, e a causa do gozo é o próprio significante, na medida em que ele é aparelhado pela linguagem no ser falante. “Aonde isso fala, isso goza.” (LACAN, 1972-73/1985, p. 156). Para Miller (2003), esta afirmação indica que em todo efeito de sentido já está incluído um gozo, não havendo sentido sem gozo.



Além desta elaboração a respeito do gozo, na última aula deste seminário Lacan indica que a linguagem é uma elaboração que tenta dar conta de *lalíngua*, que para ele não serve para a comunicação, mas para o gozo. A linguagem não é mais vista como sendo prévia ao sujeito, no começo ela não existe. Ela é feita de *lalíngua*, é uma elucubração de saber sobre esta. O inconsciente enquanto estruturado como uma linguagem é um saber-fazer com *lalíngua*.

O significante é, então, considerado como signo do sujeito. *Lalíngua* é a fala antes do ordenamento gramatical, a palavra disjunta da estrutura de linguagem, que diz respeito a uma relação originária com o gozo (MILLER, 2000). Ela diz respeito a um simbólico não referido ao Outro, mas ao Um. Gozo e *lalíngua* são anteriores ao Outro e a linguagem (LACET, 2004).

Se até então a linguagem e o simbólico eram vistos como prévios ao sujeito, e em relação a eles este deveria se posicionar no momento de sua própria constituição, no último ensino é o real que preexiste ao *falasser*. A pulsão de morte é inerente ao ser falante. Se a palavra era a única via de salvação, no primeiro ensino, agora ela tem o valor de parasita, epidemia, mancha. O significante, pela via do simbólico, passa a ser considerado apenas como uma das formas pelas quais o *falasser* pode tratar o real, o gozo. O real é sem lei, fora do sentido e do saber. O real é o que é impossível de suportar, e as formas clínicas apresentam formas de defesa contra ele. A constituição subjetiva passa a ser considerada, a partir de então, como concernente à relação com o gozo e a pulsão.

Apontando para a impossibilidade de se entender a constituição subjetiva a partir de uma operação puramente simbólica, já que a metáfora paterna não explica como o Outro substitui o gozo, ou seja, como o gozo se torna significante, Alemán (1995, p.19) propõe uma metáfora anterior à paterna, na qual haveria uma substituição do real, pulsional, o gozo, pelo simbólico, a linguagem.

$$\frac{DM}{x} \quad \frac{A}{G}$$

Figura 7: Substituição do gozo pelo simbólico anterior à metáfora paterna

Na neurose o sujeito faz o Outro existir, dando a ele estatuto de ficção, de suposição, é efeito de significação da cadeia significante. O preço disso para o sujeito é de consentir em apagar-se diante do objeto. O desejo é uma defesa contra o real do gozo, e a defesa toma forma de significação do gozo. Na neurose o sujeito elege um significante que irá funcionar

como Nome-do-Pai, tratando o real por meio do simbólico. O neurótico é o sujeito que faz o Outro consistente, ele crê no pai. Ao localizar o Outro como lugar do significante, este lugar fica esvaziado de gozo, já que de acordo com Lacan, o gozo é interdito àquele que fala enquanto tal.

Segundo Miller (1994a), na psicose, mais especificamente na esquizofrenia, o sujeito aparece sem defesa diante do real. Ela é a estrutura subjetiva em que o objeto não está perdido, o sujeito o tem à sua disposição, daí a afirmação de Lacan de que o louco é o homem livre. Para Miller (1994a), o esquizofrênico é o único sujeito que não se defende do real por meio do simbólico, pela linguagem, pois para ele o simbólico é real, não servindo para evitá-lo. Na psicose, o Outro não está separado do gozo. O malogro da metáfora paterna na psicose diz respeito ao fato de o desejo do Outro, a mãe, não ter sido simbolizado, presentificando-se no real como vontade de gozo, de um gozo sem limite.

Ele questiona, então: “Distinguiu-se, para a psicose, o mecanismo da forclusão. Porque não dar o mesmo estatuto patogênico à *Bejahung* freudiana: à afirmação ou o consentimento?” (MILLER, 1994a, p.34). Isso, pois em nenhum caso o pai simbólico é uma solução satisfatória ao impossível de suportar, sendo cada solução apenas uma possibilidade.

Além de apontar a solução de cada estrutura como apenas uma das soluções possíveis, Lacan ainda lança a noção de pluralização do Nome-do-Pai, passando a falar em Nomes-do-Pai, o que particulariza ainda mais a solução de cada sujeito.

#### ***4.1.1. A pluralização do Nome-do-Pai***

Esta idéia é lançada por Lacan em 1963<sup>9</sup>, e retomada somente em seu Seminário de 1973-74. Isto ocorreu devido à interrupção do Seminário nomeado “Nomes-do-Pai”, em 1963, em decorrência de sua saída da Sociedade Francesa de Psicanálise. Ele ficou vários anos sem retomar a proposta daquele seminário, até que em 1973-74 lançou o que foi publicado como “Seminário, livro 21, *Le non-dupes errent*”, título que tem sido traduzido como “Os não tolos erram”, mas que também é homofônico, em francês, com “Os Nomes-do-Pai”<sup>10</sup>.

De acordo com esta nova idéia, o Nome-do-Pai não é mais pensado como o significante por excelência na constituição subjetiva, mas sim como uma das possibilidades de

<sup>9</sup> - Seminário interrompido e publicado posteriormente, sob o título de “Nomes-do-Pai” (LACAN, 1963/2005).

<sup>10</sup> - Les Noms-du-Père.

amarração dos três registros, real, simbólico e imaginário, podendo constituir-se como o quarto elemento do nó, assim como um *sinthoma*. O que conta agora é a função do pai, sendo que qualquer significante pode funcionar como Nome-do-Pai. Desta forma, a psicose sai da posição de déficit em relação à neurose, tal como estava na primeira clínica, quando era tomada a partir da carência do significante Nome-do-Pai. A questão passa a ter como ponto de partida o gozo, e não mais o significante, sendo relativa à como o sujeito se constrói, como cada um faz, frente ao real.

Para Miller (2003), no último ensino o Nome-do-Pai é reabsorvido no múltiplo, é o significante cujo efeito incide sobre o corpo, sobre a localização do gozo em relação ao corpo, sob a condição de ultrapassar a barreira do Desejo-da-Mãe. Sem o Nome-do-Pai só há caos, fora da lei, *lalíngua*, não há o corpo, há o corporal, a carne, a matéria, a imagem, os acontecimentos de corpo. O real se coloca como obstáculo à ação do significante Nome-do-Pai, que traz a lei e que produz um efeito de sentido que captura o gozo, dá a ele seu lugar fálico. O real fora do sentido em relação ao qual a estrutura aparece não somente como construção, mas como elucubração, tem relação com a formulação do *sinthoma* funcionando como um Nome-do-Pai.

#### 4.1.2. A ex-sistência

Outra idéia importante no último ensino de Lacan é a ex-sistência. Miller (2003) diz que ela é relativa a algo que se sustenta “fora de” e indica que  $S(\mathcal{A})$  é a matriz da posição da ex-sistência, designando a posição do real, sendo correlativa à inexistência do Outro, a um furo (MILLER, 2002a). O real é sem lei, ele precede e ex-siste ao sentido.

De acordo com Miller (2003), a partir das teorizações de Lacan sobre Joyce e o *sinthoma*, o gozo é opaco, exclui o sentido. No último ensino, todo gozo se coloca em relação ao furo, que Lacan, no “Seminário 20”, ilustra com a argola de barbante. A consistência do barbante só toma seu valor em relação ao furo que, se não for nomeado, permanece invisível. A falta é diferente do furo, pois é funcional, é uma ausência que se inscreve em um lugar, obedecendo à ordem dos lugares, o que faz com que outros termos possam inscrever-se no lugar onde tal termo falta, obtendo-se uma permutação. Já o furo comporta o desaparecimento da ordem dos lugares, do próprio lugar da combinatória, é o valor mais profundo do  $\mathcal{A}$ , que não quer dizer uma falta no Outro, mas no lugar do Outro um furo, o desaparecimento da

combinatória. É em relação ao furo que há a ex-sistência, posição própria ao resto, a exclusão do sentido.

É nesse contexto que Lacan passa do trabalho com as estruturas para a topologia dos nós, a partir de 1972, ao trabalhar a noção de *sinthoma*. Real, simbólico e imaginário seriam três elementos que deveriam estar enlaçados por um quarto elemento para constituir a realidade do ser humano. Se na época do estruturalismo a constituição era pensada a partir da metáfora paterna, sendo a metáfora uma operação simbólica, agora os três registros são equivalentes, o que implica no fato de nenhum ter mais importância que o outro.

#### 4.2. Da estrutura ao nó: da metáfora paterna ao *sinthoma*

Ao iniciar o trabalho com os nós, Lacan opera com o nó borromeano de três anéis, cujas propriedades eram definidas pelo fato de que se qualquer um dos três elementos fosse cortado, os outros dois também se soltariam. No entanto, logo ele percebe que o nó de três não poderia sustentar o que ele propunha, ao deduzir o nó de trevo do nó borromeano, notando que na verdade ele era uma cadeia borromeana que deveria ser sustentada por um quarto elemento, tal como descreve no “Seminário 23, O *sinthoma*” (1975-76/2007).

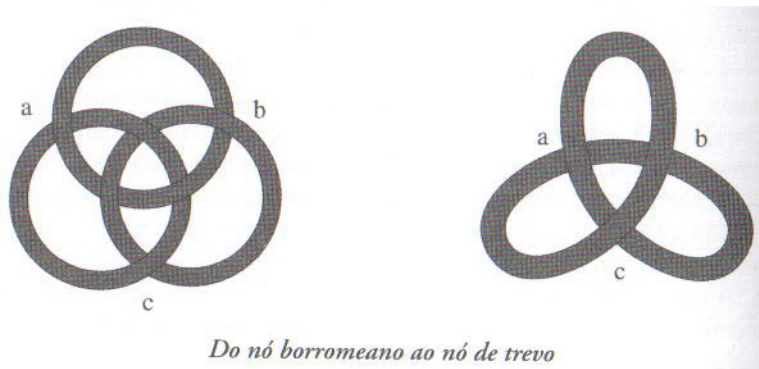


Figura 8

(LACAN, 1975-76/2007, p.84)

Real, simbólico e imaginário seriam os três elementos que constituiriam o nó, enlaçados por um quarto elemento, o *sinthoma*, que possibilitaria, inclusive, a diferenciação dos três registros.

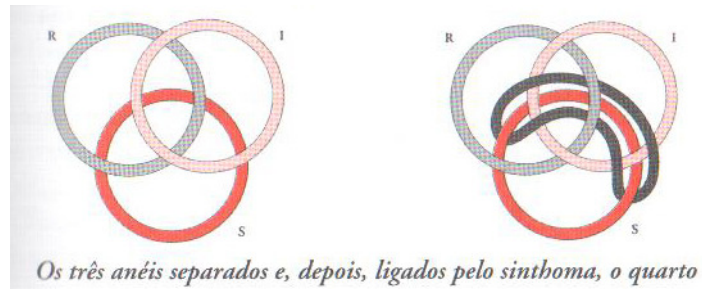


Figura 9

(LACAN, 1975-76/2007, p.21)

Uma das formas do *sinthoma* é o Édipo, o Nome-do-Pai. Aqui não se trata do Nome-do-Pai pensado como na metáfora paterna, mas sim na função do pai, a versão do pai, a pai-versão, ou *père-version*. Trata-se de uma versão em direção ao pai, que se localiza como elemento sem o qual nada é possível no nó dos três registros. Sob esse ponto de vista, Lacan afirma que se pode prescindir do Nome-do-Pai com a condição de se servir dele.

Segundo Tendlarz (1997), na *père-version* o que está em questão é uma forma de referir-se ao que antes era a metáfora paterna, mas não a partir do Nome-do-Pai, e sim da causa de seu desejo. A transmissão relativa à constituição subjetiva é referenciada em um desejo que não seja anônimo. O pai tem que acrescentar a *père-version*, ou seja, tomar uma mulher como causa de seu desejo e oferecer a seus filhos um cuidado paterno. “Um pai só tem direito ao respeito, se não ao amor, se o dito amor, o dito respeito, estiver [...] *père-vertidamente* orientado, isto é, feito de uma mulher, objeto pequeno *a* que causa seu desejo [...]” (LACAN, 1974-75<sup>11</sup>). Ao localizar a mulher como objeto causa de desejo para um homem, Lacan situa o desejo do pai como sexuado (SOLER, 2004-2005). Ele deve demonstrar como fazer com o gozo, com o que não tem nome, oferecer uma versão do objeto *a*.

O nó não é uma norma para a relação entre real, simbólico e imaginário, tal como a metáfora paterna era norma para a constituição subjetiva no primeiro ensino. O *sinthoma* é o que há de mais singular em cada indivíduo, algo que é inventado por cada sujeito e diz respeito à forma pela qual o nó é constituído para cada um. Pensar a constituição subjetiva a partir da teoria dos nós implica em levar em conta o que é particular, único, e não uma pretendida norma “universal” relativa à metáfora paterna.

Lacan levanta a questão relativa ao que se passa quando alguma coisa acontece a alguém em consequência de uma falha no nó, ressaltando que, em psicanálise, uma falha não

<sup>11</sup> - Seminário 22, RSI, aula de 21 de janeiro de 1975.

está condicionada unicamente pelo acaso, que ela jamais se produz por acaso, havendo por trás de todo lapso uma finalidade significante. Para ele, a falha exprime a vida da linguagem, sendo que esta tem estreita ligação com as pulsões, que por sua vez, têm relação com o corpo, e a relação do homem com o corpo nunca é uma coisa simples. Esta indicação aponta para a questão de que há algo da pulsão, ou do gozo, que interfere na constituição subjetiva muitas vezes como falha.

Ao indagar sobre a partir de quando se é louco, após afirmar que ser louco não é um privilégio, já que real, simbólico e imaginário estariam sempre inicialmente emaranhados, em continuidade, o autor mostra que bastaria que houvesse um erro em algum lugar do nó a três para que a diferenciação entre os três registros não ocorresse. O *sinthoma* poderia vir, então, reparar tal erro.

No “Seminário 23”, o caso do escritor James Joyce é tomado como paradigma do *sinthoma*. Frente à carência paterna que Joyce testemunhava, pelo fato de seu pai nunca ter sido um pai para ele, segundo Lacan, este constitui uma compensação dessa demissão paterna, da *Verwerfung*. Frente à falha da castração simbólica, que não foi operada pelo pai, fazendo com que o simbólico se soltasse, Joyce construiu um nome próprio, reparando uma falha no nó borromeano a partir de seu *sinthoma*, apresentado pela via de ser um escritor, no desejo de ser um artista que fosse assunto para o máximo de pessoas possível.

Para Lacan, Joyce não sabia que fazia o *sinthoma*, o que o caracterizava como um homem de *savoir-faire*, um artista. Miller (2002b, p.14) indica que no “saber-fazer não se trata do saber no sentido simbólico. Não se trata de um saber em construção, [...] É um saber que está inteiramente investido no fazer”. A afirmação lacaniana de que “Só se é responsável na medida de seu *savoir-faire*.” (LACAN, 1975-76/2007, p.59) é importante para esta dissertação, na medida em que indica que o sujeito está completamente implicado na maneira pela qual amarra os três registros.

Ao afirmar que não é difícil haver um erro nesta amarração e que não é um privilégio ser louco, ele abre espaço para a elaboração “todo mundo é louco, que dizer, delirante”<sup>12</sup>, datada de 1978, e que Miller retoma, lançando sua elaboração sobre a forclusão generalizada.

Não existe a relação sexual, não há Outro do Outro, falta um significante no campo do Outro, são construções que apontam para a inconsistência e incompletude da estrutura simbólica. A forclusão generalizada indica que em toda estrutura falta um para fazer um nó,

---

<sup>12</sup> - Miller faz referência a esta frase de Lacan na décima sétima aula do Seminário de Orientação Lacaniana, localizando-a em um texto de 10 de outubro de 1978, no “Bulletin du Champ freudien, *Ornicar?*”, apontando que ela é posterior ao Seminário 25: O momento de concluir.

que sempre falta um significante no campo do Outro. É preciso um quarto elemento, um *sinthoma*, para enodar real, simbólico e imaginário, tendo função de suplência.

Se, como indica Alemán (1995), no começo de seu ensino Lacan pensava a psicose a partir da neurose, tomando como referência a metáfora paterna, inclusive transformando o esquema R em esquema I, sugerindo que o modelo de subjetividade era o neurótico, no último ensino é a psicose que passa a ser tomada como paradigma. Ao invés de localizar a questão sob a forma: *como alguém se torna louco?*, passa-se a fazê-lo da seguinte maneira: *como alguém pode não ser louco?*.

### 4.3. A forclusão generalizada

A idéia de Lacan, exposta na frase presente no título deste capítulo, “todo mundo é louco, quer dizer, delirante”, foi retomada por Miller (1994a) em “Clínica irônica”, ao dizer que todo mundo delira. O Outro não existe, o laço social é uma enganação, todo discurso é semblante, sendo que este está relacionado ao simbólico. Se o simbólico é só semblante, então teríamos uma clínica universal do delírio. Ele mostra ainda que, já em Freud, pode-se tomar o simbólico a partir desta vertente do semblante, ao se referir à teoria dos sonhos. Segundo ele, se tudo é sonho, todo mundo é louco, ou seja, delirante. O delírio é universal devido ao fato de os homens falarem, de existir, para eles, a linguagem, que tem efeito de aniquilamento, já que a palavra é a morte da coisa.

No final de seu ensino, Lacan aponta que existem diferentes maneiras de amarração dos três registros frente à falha estrutural da linguagem,  $S(\bar{A})$ , que se impõe para todos. O neurótico responde via função do Nome-do-Pai e o psicótico pelo “não” ao pai.

Ao falar sobre a forclusão generalizada, Teixeira (2000) aponta que Freud sustentava que haveria conflito quando houvesse uma oposição entre a exigência pulsional e a consideração da realidade pelo sujeito. Esta realidade dependeria da eleição de um significante qualquer para se constituir, sendo que sua consistência lógica se apoiaria sobre a base ilógica do assentimento, algo que exigiria do sujeito uma adesão a uma norma que não demonstra sua razão de ser. Esse ponto de assentimento encerraria a possibilidade, virtualmente aberta a todos, de uma dispersão radical da realidade, que escapa a todo cálculo subjetivo. A ordenação pelo significante só poderia então, se exercer, se não fosse questionada pelo sujeito.

Sabe-se que o neurótico toma esta posição de assentimento, ordenando sua realidade pela via simbólica, a partir dos significantes. Já o psicótico contesta esse princípio de ordenação discursiva do significante que não se explica. A perda da realidade na psicose resulta da recusa em aceitar a coesão arbitrária da realidade imposta pelo significante mestre, deriva de uma forclusão que não incide propriamente no significante, pois o S1 seria, a princípio, um significante qualquer, mas sobre a função de comando que deveria ter-lhe sido atribuída. A forclusão na psicose tem relação a uma falência na função normativa do significante mestre, a recusa em aceitar o princípio arbitrário de ordenação significante pelo discurso. O neurótico faz o Outro existir, dando a ele consistência, já o psicótico não crê no Outro. É desta forma que a psicose revela localmente os efeitos da forclusão generalizada da linguagem sobre a realidade.

É a relação com o real que se coloca desde o princípio para todo ser falante, relação com o gozo, a pulsão. Frente ao real o *falasser* é chamado a se posicionar. Sem ter uma orientação natural, instintual, um saber que o oriente no mundo, o vivente poderá tratar esse encontro traumático de formas distintas, e isso conduz a elaboração lacaniana sobre a debilidade mental.

#### ***4.3.1. A escolha entre loucura e debilidade mental***

Miller (2002b) afirma que Lacan substitui o conceito freudiano de inconsciente pelo de debilidade mental. Esta categoria é mais radical que o inconsciente freudiano, pois quer dizer que o *falasser* é marcado pela desarmonia entre simbólico, real e imaginário (MILLER, 2003). É um conceito que considera a ausência de acordo entre as dimensões, indicando conflito, divisão, castração, a não relação sexual. Qualifica aquilo com o que terá de se haver um ser que, diferentemente dos animais, não tem uma orientação natural, já que é um ser pulsional, afetado pela linguagem. A debilidade mental deste ser quer dizer que seu mental não o põe em relação com o real.

No último ensino o real é definido pela exclusão do sentido. O mental é relativo a uma relação difícil entre o corpo e o simbólico, o pensamento, o inconsciente, que passa a ser visto como uma doença mental, uma debilidade que afeta o mental.

No “Seminário, livro 24, *L’insu que sait de l’une-bévue s’aïlle à mourre*” Lacan (1976-77) traduz o inconsciente freudiano como um engano, indicando que o ser humano se



engana, fala indiretamente. Quando a consciência se engana, pode-se dizer que há inconsciente.

Na quarta aula deste seminário, datada de 11 de janeiro de 1977, ele afirma que “Entre a loucura e debilidade mental, não temos senão escolha” (Tradução nossa)<sup>13</sup>. Isto conduz a pensar que, para todos nós está colocada uma escolha entre deixar-se enganar, constituindo o inconsciente enquanto débil, no que diz respeito ao tratamento do real, ou tomar uma posição distinta, como na psicose, não tratando o real por essa via simbólica, o que caracteriza a posição do louco, de acordo com a indicação de Lacan.

Esta consideração a respeito de uma escolha entre a debilidade mental e a loucura serve para introduzir o último ponto a ser trabalhado nesta dissertação quanto à psicose como escolha de uma posição subjetiva. Ou o *falasser* trata o real pela via do simbólico, sendo que este tratamento é sempre débil, como na neurose, ou não faz isso, elegendo, desta forma a loucura. A forma de tratamento do real é o que irá caracterizar o modo de gozo de cada *falasser*. Dizendo de outra maneira, é o tipo de amarração que ele dá ao nó que irá definir seu modo de gozo.

#### 4.4. O gozo elege o sujeito

Neste ponto a constituição subjetiva está sendo abordada a partir do gozo. Miller (1997, p.345) retoma o “*Wo Es war soll Ich werden*” de Freud para falar dele da seguinte forma: “No lugar, onde isso era, eu devo advir [...] nesse lugar de impessoalidade, o sujeito tem o dever de vir [...] Lá, onde isso goza, o eu que fala deve advir”. Neste momento ele aponta que não há uma causalidade mecânica, e que se há uma causa, ela é relativa ao objeto *a*. Ao tomar a causação do sujeito pelo objeto *a* e o gozo, fornece uma indicação preciosa.

Se, “de nossa posição de sujeito, somos sempre responsáveis.” Em que sentido sou responsável por minha psicose, por minha perversão e por minha neurose? Que significa isso? Qual é essa responsabilidade? Isso poderia conduzir-nos a pensar o sujeito como causa da estrutura clínica, como se houvesse uma eleição livre de sua clínica por parte do sujeito. Quando, na realidade, o gozo é que elege o sujeito. (MILLER, 1997, p.347).

---

<sup>13</sup> - “Entre locura y debilidad mental, no tenemos sino la elección.”

O que se pode extrair dessa fala é que, como já havia sido indicado, não é correto dizer que *o sujeito escolhe* a sua posição. Isso porque o sujeito é o efeito dessa escolha, desse posicionamento, que está, então, do lado do gozo. O gozo, de acordo com Miller (1997, p.365), está ao lado de *das Ding*, que seria “o conceito-limite de um gozo primordial, quase antes da linguagem; o gozo humano anterior à introdução da cadeia significante.”.

Ele retoma Lacan ao dizer que se há uma escolha, esta é uma escolha forçada, relativa ao posicionamento do ser falante frente ao desejo e ao gozo. Afirma que o encontro com o gozo é sempre traumático, e que o sujeito é quem deve definir sobre o traumatismo, elegendo para este um sentido, sendo que tal eleição é sempre forçada pelo encontro. Para ele, o sujeito é uma defesa contra o gozo e sua posição estaria determinada pelo resto traumático do gozo. No entanto, fica claro que não há nisso um determinismo, e que não se pode prever a seqüência da causalidade, já que “Não podemos dizer que tal e tal elementos reunidos produzirão tal efeito” (MILLER, 1997, p.367).

Soler (2004-2005) também toma esta posição, ao afirmar que o sujeito é definido como uma defesa, uma falta no gozo, e que a falta parte do real, e não do simbólico, que se refere a uma perda concernente ao mundo vivente. Miller (1997) também aponta para esta falta real, quando diz que se pode notar um esforço de Lacan em distinguir duas castrações, a original, real, colocada para todo ser falante, que se refere à confrontação do gozo com a linguagem, ambos pré-existentes ao sujeito, e a edipiana, que diz respeito à transformação da castração real, em simbólica e imaginária, sendo que a segunda está subordinada à primeira. Parte-se do princípio de que, para todo ser falante, a castração está colocada, no real. A partir daí se pode pensar em como cada um irá fazer frente a isso, tratar esse encontro.

Soler (2004-2005) afirma que o sujeito é, em si mesmo, uma defesa quase natural, pois não depende de uma opção subjetiva, mas é constituinte. Antes de existir, o sujeito é suposto no discurso do Outro. Quando o vivente nasce, não está inscrito no Outro como tal. Sua entrada no real, sua emergência de existência como sujeito se faz na passagem do grito, enquanto signo do vivente, à demanda articulada. Esta entrada na demanda articulada gera perda de gozo e o sujeito existe aí como perda de gozo, sendo, neste sentido, defesa quanto ao gozo. A autora ressalta que aí se manifesta um dinamismo libidinal que é próprio da criança, que não vem do Outro. A mãe está a serviço do pulsional da criança e é em relação à pulsão que o sujeito irá se constituir, construir seu modo de gozo.

Ao trabalhar a questão da constituição subjetiva e a passagem do grito, puro signo do vivente, à demanda articulada, Soler (2004-2005) fornece uma indicação preciosa, ao dizer da

posição do autista, entendida por muitos autores, inclusive Lacan<sup>14</sup>, como uma psicose. Ela mostra que o autista é o vivente do qual o Outro fala, sendo sujeito suposto no discurso do Outro, mas que não faz sua entrada no real, pois não entra na demanda articulada, geradora de uma perda de gozo. Tem-se aí um vivente que não se constituiu sujeito como defesa frente ao gozo.

Assim, se a constituição não pode ser tomada como uma opção subjetiva, já que se entende que o sujeito é um produto da mesma, mas por outro lado há viventes que não se constituem sujeitos, pois não fazem sua entrada na demanda articulada, como sustentar a psicose como escolha de uma posição subjetiva? Se é o gozo que elege o sujeito, o que ocorre para que se tenha uma posição como a do autista? Resta tomar a questão a partir da indicação de Soler (2004-2005) de que na constituição subjetiva, um mecanismo libidinal próprio da criança se manifesta, e que isso não vem do Outro, mas da própria criança, enquanto vivente, possuidor de um corpo de gozo.

#### ***4.4.1. A pulsão e a constituição subjetiva***

Lacan (1975/1998) diz que é a mãe quem fala à criança, mas que é preciso também que essa criança escute. A isso se pode acrescentar, ainda, que ela escute e que se faça escutar. Ao ser questionado sobre o que faz com que uma criança possa escutar e seja receptiva à ordem simbólica, ele indica que o ser humano é um ser falante, que a ressonância da palavra é constitucional, mas que escutar faz parte da palavra, mostrando que não acredita que existam pessoas que nunca escutam nada, mas que algumas só escutam o barulho. Fala então sobre os autistas e esquizofrênicos, afirmando que neles, há algo relativo à linguagem, ao simbólico, que se congela.

Maleval (2008) retoma Lacan apontando a existência de uma disfunção da pulsão invocativa no autismo. Para ele, aí se presentifica uma surdez ao sentido, o sujeito não sabe que a palavra serve para comunicar. O Outro lhe chega como um barulho insensato e a relação fundamental do ser com a fala é recusada pelo sujeito. Segundo ele, no autismo não há um assentimento do sujeito à alienação à qual ele foi submetido, ele se recusa a isolar na *lalíngua* os significantes-mestres, cortando o significante do gozo vocal, conseguindo que nenhum

---

<sup>14</sup> - Lacan aproxima o autismo da esquizofrenia no texto “Conferência em Genebra sobre o sintoma”.

deles porte a função de S1. Maleval é categórico ao afirmar que o sujeito mobiliza seus esforços para nunca tomar a posição de enunciador, abordando isso como uma estratégia defensiva. Para o autista a fala não pode servir como apelo, ele se recusa a fazer-se ouvir.

Não é intuito trabalhar o autismo nesta dissertação, mas decidiu-se tomar esta posição subjetiva como exemplo para ilustrar o posicionamento do vivente em relação aos objetos pulsionais, voz e olhar. Se Miller (1997) indica que a causação do sujeito tem relação com o objeto *a* e o gozo, é em relação aos objetos da pulsão que se pode pensar, então, em um posicionamento do vivente.

A partir destas indicações, percebe-se que a constituição subjetiva pode ser referenciada nos primórdios da vida do bebê. Muito precocemente, desde o nascimento, uma relação pulsional entre a criança e o mundo é estabelecida. Soler (2004-2005) já havia indicado isto ao dizer que a mãe está a serviço do pulsional da criança. Como Lacan (1975/1998) também mostrou, é imprescindível que a mãe fale com a criança, mas também cabe a esta, a partir de um mecanismo libidinal que lhe é próprio, singular, escutar a mãe e fazer-se escutar por ela. O mesmo mecanismo se coloca em relação ao objeto olhar: ver, ser visto e fazer-se ver.

Ao localizar o vivente, ou *falasser*, como responsável, de alguma forma, por sua própria sua constituição subjetiva, a questão da escolha fica posta em evidência. Não uma escolha *do sujeito*, mas uma escolha que se dá a partir do gozo, da pulsão, de um posicionamento relativo aos objetos pulsionais.

O encontro traumático de todo sujeito com a castração tem relação com sua divisão entre pulsão e realidade. É na vivência da pulsão como pura quantidade de percepção, que o sujeito advém do real, do *Isso*, lugar de desamparo, antes mesmo de entrar na linguagem. Este momento em que há a vivência da pulsão como pura quantidade de percepção pode ser localizado no registro *Wz*, proposto por Freud (1896c/1980) na “Carta 52”. Neste texto, ele apresenta um modelo do aparelho psíquico que possui os seguintes registros: *W*, que representa a pura percepção, não conservando nenhum tipo de traço do que foi percebido; *Wz*, primeiro registro das percepções, onde ficam os traços de percepção; *Ub*, o inconsciente, segundo registro das percepções, onde se localizam as lembranças conceituais; *Vb*, a pré-consciência, terceiro registro, ligada às representações verbais; e *Bews*, a consciência.

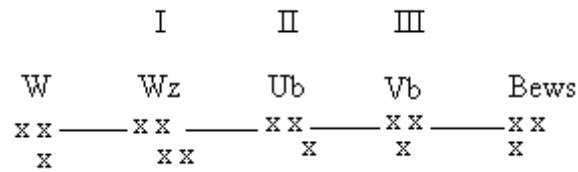


Figura 10: Esquema do aparelho psíquico da “Carta 52”

(FREUD, 1896c/1980, p.317)

O registro *Wz* é, então, anterior ao inconsciente. Um local do aparelho psíquico onde são feitas marcas, que se associam por simultaneidade, mas que não são capazes de chegar à consciência. Neste registro ainda não há subjetividade propriamente dita, mas ele representa um momento crucial, já que é a partir daí que um sujeito pode vir a ser ou perder-se em uma não-nomeação. Para Lima (1994), é entre esses dois registros que se localizaria o traço unário, a partir do qual se pode situar o aparecimento do sujeito e a instalação do registro do inconsciente.

Num primeiro momento então, haveriam apenas traços de percepção, sendo que um deles, em algum momento, seria eleito como traço inaugural do inconsciente. Acontece que Freud (1896c/1980) chamava a atenção para o fato de que entre os registros poderia ocorrer uma falha de tradução, sempre provocada pela possibilidade da produção de desprazer, e que as conseqüências geradas por tais falhas poderiam explicar as diferenças entre os tipos de psicoseuroses.

Assim, supondo que uma tradução do registro *Wz* para o *Ub* pudesse ser geradora de desprazer, poderia haver uma falha neste ponto, justamente relativa à constituição do sujeito, do inconsciente, da instauração do traço unário, do significante primordial que poderia organizar a realidade deste sujeito em constituição.

Nota-se que neste primeiro momento, em que ainda não se pode falar em sujeito, há um mecanismo que funciona, na tentativa de evitar o desprazer, uma forma de defesa. Assim, no começo o que há é a pulsão, a quantidade, o gozo, e a possibilidade de se tratar isso, seja pela via do simbólico, ou não.

No caso do autismo, aqui citado para enfatizar a possibilidade de dizer da psicose como escolha de uma posição subjetiva, a recusa do bebê em fazer-se ouvir ou ver pelo Outro pode ser interpretada como forma de afastar um desprazer. Como já foi indicado, Maleval (2008) aponta que a mobilização do autista para nunca tomar a posição de enunciador é uma estratégia defensiva.

Desta forma, nota-se que mesmo no último ensino de Lacan pode-se considerar que na psicose existe uma escolha de uma posição subjetiva, ainda que no momento deste posicionamento não haja um sujeito, mas um ser vivente, pulsional, que está em contato com o gozo, e frente a isso é convocado a fazer alguma coisa.

## 5. CONCLUSÃO

A partir do trabalho de pesquisa realizado pode-se concluir que desde o princípio da obra de Freud, até o último ensino de Lacan, há formalizações que permitem pensar na psicose como escolha de uma posição subjetiva.

A questão foi abordada, inicialmente, por meio do que Freud dizia a respeito da etiologia das neuroses, consideradas como formas de defesa, quando trabalhava com as teorias da sedução e da fantasia. As neuropsicoses eram consideradas como formas de defesa do Eu frente a idéias intoleráveis, e suas diferenças eram devidas à forma da ocorrência do recalque em cada uma. Neste momento, neuroses e psicoses eram consideradas formas distintas de neuropsicoses, o que permitiu considerar que quando Freud falava em “escolha da neurose”, isto também pudesse ser pensado para a psicose, ou seja, haveria escolha da psicose. Para Freud o que determinaria essa escolha era o momento da ocorrência de uma cena sexual na infância, a qual passaria pelo processo do recalque, pela possibilidade de gerar desprazer.

Percorrer as teorizações da primeira tópica freudiana foi o passo seguinte, partindo da teoria da libido e das relações do sujeito com a realidade. Neste momento, a “escolha da neurose” era relacionada a pontos de fixação da libido, sendo que em cada tipo de neuropsicose a fixação se daria em um ponto diferente.

Passou-se então às proposições de Freud em sua segunda tópica, a respeito dos conflitos entre as instâncias psíquicas. Dependendo do tipo de conflito, o resultado seria uma neurose ou uma psicose. Na primeira o conflito se daria entre o Eu e o Id, e na última, entre o Id e o mundo externo. Posteriormente, ao trabalhar a questão do juízo, ligada à relação do sujeito com a realidade, Freud indica que há uma atividade que pode ser localizada no lugar onde o Eu irá advir. É esta teorização sobre o juízo, juntamente com a idéia de que frente à realidade da castração o sujeito irá se posicionar de alguma forma, que Freud utiliza para dizer de mecanismos específicos do que Lacan chamará, posteriormente, de estruturas subjetivas.

Este ponto da teoria freudiana, relativo ao posicionamento de cada sujeito frente à realidade da castração é utilizado para se passar do primeiro para o segundo capítulo, e trabalhar a questão na primeira clínica de Lacan. Investigou-se elaborações lacanianas a respeito da constituição subjetiva, com o intuito de esclarecer o que se poderia pensar por escolha pela psicose. Trabalhou-se as teorizações do estágio do espelho, a metáfora paterna e

as operações de alienação-separação. Neste primeiro momento, a escolha pode ser pensada em relação ao assentimento ao Nome-do-Pai ou ao S1, já que aí Lacan enfatizava o registro simbólico e as relações do sujeito com o significante. Na psicose ocorreria então uma falha neste ponto, já que o sujeito não consente com o significante que vem do campo do Outro.

Aos poucos a ênfase no simbólico vai se enfraquecendo, pois Lacan se aproxima cada vez mais da relação do sujeito com o gozo e o objeto *a*, orientando então a se pensar a constituição subjetiva a partir do real. É neste momento que ocorre a passagem para o último capítulo, em que o tema é pesquisado na segunda clínica ou último ensino de Lacan. Nesta parte do trabalho, a constituição subjetiva não fica condicionada ao assentimento de um significante que serviria como norma. Quando Lacan fala do *sinthoma* e elabora a teoria dos nós, evidencia a solução particular que cada *falasser* é chamado a inventar frente ao encontro com o gozo, o real. O vivente tem que tratar o gozo de alguma forma, não necessariamente pela via do simbólico, como faz o neurótico. O sujeito psicótico, então, é aquele que não trata o real pela via do simbólico.

O percurso desta dissertação autoriza falar em uma escolha pela psicose ou em se pensar a psicose como escolha de uma posição subjetiva, ainda que de maneiras distintas em cada um dos momentos estudados.

Vale ressaltar ainda, que é interessante notar como o último ensino de Lacan remeteu esta pesquisa às primeiras elaborações de Freud. Ainda que naquele momento freudiano se possa localizar apenas os germes que levaram à criação da psicanálise, a importância que tais idéias iniciais tiveram e ainda tem para este campo teórico é inegável.

Ao final desta pesquisa pode-se concluir que o vivente não elege sua posição subjetiva independentemente do que ocorre à sua volta, pois como foi indicado ao longo deste trabalho, há sempre algo que se apresenta a ele, mas, frente a este algo ele é convocado a se posicionar. Há uma escolha, na medida em que é ele que se posiciona frente ao que lhe é dado, ou seja, há uma atividade relativa à própria constituição subjetiva.



## REFERÊNCIAS

ALEMÁN, Jorge. IV Seminário de texto – De uma cuestión preliminar a todo tratamiento posible de la psicosis. **Cuadernos – Colégio Freudiano de Córdoba**. Córdoba, 1995. Resumen del seminário realizado em Córdoba el 8 y 9 de abril de 1995, p. 9-38.

ALVARENGA, Elisa. **O conceito de psicose em Freud**. Belo Horizonte: Ed. Tahl, 1992. 77p.

ÁLVAREZ, José María; ESTEBAN, Ramón; SAUVAGNAT, François. **Fundamentos de psicopatología psicoanalítica**. Madrid: Editorial Síntesis, 2004. p. 90-92; 157-216; 259-262; 659-679; 699-734.

ATTIÉ, Joseph. A fala, a linguagem, a *alíngua* (*lalangue*). **Opção Lacaniana**. São Paulo: Eólia, jun. 2002. n. 33, p. 45-51.

BARROSO, Suzana. **O que quer a mãe, Outro real?** Trabalho apresentado no seminário de psicanálise com crianças na Escola Brasileira de Psicanálise – seção Minas Gerais. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise, 27/set/1995.

BRUDER, Maria Cristina Ricotta; BRAUER, Jussara Falek. A constituição do sujeito na psicanálise lacaniana: impasses na separação. **Psicologia em Estudo**. Maringá, v. 12, n. 3, dez/2007. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-73722007000300008&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722007000300008&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 21/set/2009. doi: 10.1590/S1413-73722007000300008.

CHATELARD, Daniela Scheinkman. Do determinismo psíquico às escolhas subjetivas. **Revista do Departamento de Psicologia. UFF**. Niterói, v. 19, n. 2, dez/2007. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-80232007000200005&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-80232007000200005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 21/set/2009. doi: 10.1590/S0104-80232007000200005.

DARRIBA, Vinicius. A falta conceituada por Lacan: da coisa ao objeto a. **Ágora**. Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, Jan. 2005. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-14982005000100005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982005000100005&lng=en&nrm=iso)>. Acessado em 26/08/2009.

FERNANDES, Lia Ribeiro. **O olhar do Engano: autismo e Outro primordial**. São Paulo: Escuta, 2000. 176 p.

FERRARI, Ilka Franco. **Justaposição entre psicopatologia e psicanálise: dificuldades e implicações no ensino da psicologia**. 2006. 68 f. Relatório de Pesquisa - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Departamento de Psicologia.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio. Considerações metodológicas preliminares. In: FIGUEIREDO, Luís Cláudio. **Palavras cruzadas entre Freud e Ferenczi**. São Paulo: Ed. Escuta, 1999. Capítulo 1. p. 9-25.

FINK, Bruce. **O sujeito lacaniano**: entre a linguagem e o gozo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

FREUD, Sigmund. As neuropsicoses de defesa (1894). In: FREUD, Sigmund. **Primeiras publicações psicanalíticas**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol III. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 55-82.

FREUD, Sigmund. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess (1950 [1892-1899]). In: FREUD, Sigmund. **Primeiras publicações psicanalíticas**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol I. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 243-379.

FREUD, Sigmund. Rascunho H (1895). In: FREUD, Sigmund. **Primeiras publicações psicanalíticas**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol I. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 283-291.

FREUD, Sigmund. Rascunho K (1896a). In: FREUD, Sigmund. **Publicações pré-analíticas e rascunhos inéditos**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol I. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 299-311.

FREUD, Sigmund. Carta 46 (1896b). In: FREUD, Sigmund. **Publicações pré-analíticas e rascunhos inéditos**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol I. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 311-316.

FREUD, Sigmund. Carta 52 (1896c). In: FREUD, Sigmund. **Publicações pré-analíticas e rascunhos inéditos**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol I. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 317-324.

FREUD, Sigmund. Carta 55 (1897a). In: FREUD, Sigmund. **Publicações pré-analíticas e rascunhos inéditos**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol I. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 324-327.

FREUD, Sigmund. Carta 57 (1897b). In: FREUD, Sigmund. **Publicações pré-analíticas e rascunhos inéditos**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol I. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 328-331.

FREUD, Sigmund. Carta 69 (1897c). In: FREUD, Sigmund. **Publicações pré-analíticas e rascunhos inéditos**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol I. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 350-352.

FREUD, Sigmund. Carta 75 (1897d). In: FREUD, Sigmund. **Publicações pré-analíticas e rascunhos inéditos**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol I. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 361-366.

FREUD, Sigmund. Carta 125 (1899). In: FREUD, Sigmund. **Publicações pré-analíticas e rascunhos inéditos**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol I. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 377-378.

FREUD, Sigmund. Projeto para uma psicologia científica (1950 [1895]). In: **Publicações pré-analíticas e rascunhos inéditos**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol I. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 381-517.

FREUD, Sigmund. Hereditariedade e a etiologia das neuroses (1896d). In: FREUD, Sigmund. **Primeiras publicações psicanalíticas**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol III. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 163-179.

FREUD, Sigmund. Novos comentários sobre as neuropsicoses de defesa (1896e). In: FREUD, Sigmund. **Primeiras publicações psicanalíticas**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol III. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 181-211.

FREUD, Sigmund. A interpretação dos sonhos – Capítulo VII (1900). In: FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos (II) e Sobre os sonhos**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol V. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 543-660.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: FREUD, Sigmund. **Um caso de histeria, três ensaios sobre sexualidade e outros trabalhos**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol VII. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 123-253.

FREUD, Sigmund. Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (dementia paranoides) (1911a). In: FREUD, Sigmund. **O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol XII. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 15-110.

FREUD, Sigmund. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental (1911b). In: FREUD, Sigmund. **O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol XII. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 273-286.

FREUD, Sigmund. Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico (1911c). In: FREUD, Sigmund. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Vol. 1. Coordenação geral da tradução Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2004. p. 63-77.

FREUD, Sigmund. A disposição à neurose obsessiva – Uma contribuição ao problema da escolha da neurose (1913). In: FREUD, Sigmund. **O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol XII. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 393-409.

FREUD, Sigmund. A história do movimento psicanalítico (1914). In: FREUD, Sigmund. **A história do movimento psicanalítico, Artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 13-82.

FREUD, Sigmund. O recalque (1915a) In: FREUD, Sigmund. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Vol. 1. Coordenação geral da tradução Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2004. p. 175-193.

FREUD, Sigmund. O Inconsciente (1915b) In: FREUD, Sigmund. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Vol. 2. Coordenação geral da tradução Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2006. p. 13-74.

FREUD, Sigmund. Conferência XXIII – Os caminhos da formação dos sintomas (1917 [1916-17]). In: FREUD, Sigmund. **Conferências introdutórias sobre psicanálise (parte III)**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol XVI. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 419-439.

FREUD, Sigmund. História de uma neurose infantil (1918 [1914]). In: FREUD, Sigmund. **Uma neurose infantil e outros trabalhos**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 13-153.

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer (1920). In: FREUD, Sigmund. **Além do princípio do prazer, Psicologia de grupo e outros trabalhos**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 13-85.

FREUD, Sigmund. O Ego e o Id (1923a). In: FREUD, Sigmund. **O ego e o id e outros trabalhos**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 13-80.

FREUD, Sigmund. O Eu e o Id (1923b) In: FREUD, Sigmund. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Vol. 3. Coordenação geral da tradução Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2007. p. 13-92.

FREUD, Sigmund. Neurose e Psicose (1924 [1923]). In: FREUD, Sigmund. **O ego e o id e outros trabalhos**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 187-98.

FREUD, Sigmund. Neurose e psicose (1924a) In: FREUD, Sigmund. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Vol. 3. Coordenação geral da tradução Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2007. p. 93-102.

FREUD, Sigmund. A perda da realidade na neurose e na psicose (1924b). In: FREUD, Sigmund. **O ego e o id e outros trabalhos**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 227-236.

FREUD, Sigmund. A perda da realidade na neurose e na psicose (1924c) In: FREUD, Sigmund. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Vol. 3. Coordenação geral da tradução Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2007. p. 125-134.

FREUD, Sigmund. A Negativa (1925a). In: FREUD, Sigmund. **O ego e o id e outros trabalhos**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 293-302.

FREUD, Sigmund. A Negativa (1925b) In: FREUD, Sigmund. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Vol. 3. Coordenação geral da tradução Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2007. p. 145-157.

- FREUD, Sigmund. Um estudo autobiográfico (1925 [1924]). In: FREUD, Sigmund. **Um estudo autobiográfico, Inibições, sintomas e ansiedade, Análise leiga e outros trabalhos**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol XX. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 13-92.
- FREUD, Sigmund. Fetichismo (1927a). In: FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão, O mal-estar na civilização e outros trabalhos**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 175-185.
- FREUD, Sigmund. Fetichismo (1927b) In: FREUD, Sigmund. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Vol. 3. Coordenação geral da tradução Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2007. p. 159-170.
- FREUD, Sigmund. Conferência XXXI – A dissecação da personalidade psíquica (1933 [1932]). In: FREUD, Sigmund. **Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise e outros trabalhos**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 75-102.
- FREUD, Sigmund. Esboço de psicanálise (1940 [1938]a). In: FREUD, Sigmund. **Moisés e o monoteísmo, Esboço de psicanálise e outros trabalhos**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 165-237.
- FREUD, Sigmund. A cisão do Eu no processo de defesa (1940 [1938]b) In: FREUD, Sigmund. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Vol. 3. Coordenação geral da tradução Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2007. p. 169-179.
- GARCIA-ROZA, Luís Alfredo. **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1984. 237 p.
- GUERRA. Andréa Máris Campos. **A estabilização psicótica na perspectiva borromeana: criação e suplência**. 2007. 270 p. Tese (Doutorado em Psicanálise). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em Psicanálise, Rio de Janeiro.
- HAARSCHER, Dominique. Lê désir de la mère et lê choix du sujet. **Lês Feuilletts du Courtil**. Journées d'étude à l'occasion du 10e anniversaire du Courtil. Premières Journées du RI. Bélgica: Lês Feuilletts du Courtil, v. 8/9, junho/1994. p. 199-205.
- LACAN, Jacques. Os complexos familiares na formação do indivíduo (1938). In: LACAN, Jacques. **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. p. 29-90.
- LACAN, Jacques. Formulações sobre a causalidade psíquica (1946). In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 152-194.
- LACAN, Jacques. O estádio do espelho como formador da função do eu (1949). In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 96-103.
- LACAN, Jacques. Função e campo da palavra e da linguagem em psicanálise (1953). In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 238-324.

LACAN, Jacques. A coisa freudiana (1955). In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 402-437.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 3**, As psicoses (1955-56). Texto estabelecido por Jacques Alain-Miller. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002. 366 pág.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 4**, A relação de objeto (1956-57). Texto estabelecido por Jacques Alain-Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995. 456 p.

LACAN, Jacques. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose (1957-58a). In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 537 – 590.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 5**, As formações do inconsciente (1957-58b). Texto estabelecido por Jacques Alain-Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999, p. 149-220.

LACAN, Jacques. A direção do tratamento e os princípios de seu poder (1958). In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 591 – 652.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 7**, A ética da psicanálise (1959-60). Texto estabelecido por Jacques Alain-Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997, 396 p.

LACAN, Jacques. Observação sobre o relatório de Daniel Lagache (1960a). In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 653-691.

LACAN, Jacques. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano (1960b). In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 807-842.

LACAN, Jacques. Introdução aos Nomes-do-Pai (1963). In: **Nomes-do-Pai**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. p. 55-87.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 11**, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964). Texto estabelecido por Jacques Alain-Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 193-245.

LACAN, Jacques. A ciência e a verdade (1965). In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 869-892.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 13**, O objeto da psicanálise (1965-66). Inédito. CD Folio Views – Bases Documentales.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 14**, A lógica da fantasia (1966-67). Inédito. CD Folio Views – Bases Documentales.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 16**, de um Outro ao outro (1968-69). Texto estabelecido por Jacques Alain-Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008. 412 p.

LACAN, Jacques. Notas sobre a criança (1969). In: LACAN, Jacques. **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. p. 369-370.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 17**, o avesso da psicanálise (1969-70). Texto estabelecido por Jacques Alain-Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992. 208 p.

LACAN, Jacques. Lituraterra (1971). **Che Vuoi? Psicanálise e cultura**. Porto Alegre, v. I, n. 1, Inverno, 1986. p. 17-32.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 20**, mais, ainda (1972-73). Texto estabelecido por Jacques Alain-Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985. 201 p.

LACAN, Jacques. Televisão (1973). In: LACAN, Jacques. **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. p. 508-543.

LACAN, Jacques. A Terceira (1974). **Che vuoi? Psicanálise e cultura**. Porto Alegre, v. I, n. 0, Outono, 1986. p. 13-42.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 21**, *Le non-dupes errent* (1973-74). Inédito. Los incautos no yerran. CD Folio Views – Bases Documentales.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 22**, RSI (1974-75). Inédito.

LACAN, Jacques. Conferência em Genebra sobre o sintoma (1975). **Opção Lacaniana**. São Paulo: Eólia, dez, 1998, n. 23, p. 6-16.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 23**, O sintoma (1975-76). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 24**, *L'insu que sait de l'une-bévue s'aïlle à mourre* (1976-77). Inédito.

LACET, Cristine. Da forclusão do Nome-do-Pai à forclusão generalizada: considerações sobre a teoria das psicoses em Lacan. **Psicologia USP**. São Paulo, v. 15, n. 1-2, jun. 2004. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65642004000100023&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642004000100023&lng=pt&nrm=iso)>. Acessos em 21/set/ 2009. doi: 10.1590/S0103-65642004000100023.

LAURENT, Éric. Alienação e separação I e II. In: FELDSTEIN, Richard; FINK, Bruce; LAANUS, Maire (orgs.). **Para ler o seminário 11 de Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p.31-51.

LIMA, Celso Rennó. Uma “brecha” no fantasma: o traço de perversão. **Opção Lacaniana**. São Paulo: Eólia, nov, 1994, n. 11, p. 55-59.

MALEVAL, J.-Claude. **La forclusión del Nombre del Padre**: El concepto y su clínica. Buenos Aires: Paidós, 2002.

MALEVAL, J.-Claude. Forclusão. In: **Silicet dos Nomes do Pai**. Textos preparatórios para o congresso de Roma – 13 a 17 de julho de 2006. Rio de Janeiro: Escola Brasileira de Psicanálise, Nov/2005, p. 60-61.

MALEVAL, J.-Claude. Os autistas escutam muitas coisas, mas será que alucinam. **Opção Lacaniana**. São Paulo: Eólia, set, 2008, n. 52, p. 163-172.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2001. p. 15-51.

MAZZUCA, Roberto; SCHEJTMAN, Fábian; ZLOTNIK, Manuel. **Las dos clínicas de Lacan**: introducción a la clínica de los nudos. Buenos Aires: Editorial Tres Haches, 2000. 159 p.

MEZAN, Renato. Que significa “pesquisa” em psicanálise? In: SILVA, Maria Emília Lino da (coord.). **Investigação e psicanálise**. Campinas: Papyrus, 1993. p. 49-89.

MILLER, Jacques-Alain. Clínica irônica. **Curinga**. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise, 1994a, n. 4, p. 31-35.

MILLER, Jacques-Alain. Percurso de Lacan. In: MILLER, Jacques-Alain. **Percurso de Lacan**: uma introdução. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994b, p. 11-26.

MILLER, Jacques-Alain. Patologia da ética. In: **Lacan Elucidado**: palestras no Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997. p. 329-386.

MILLER, Jacques-Alain. **Estructura, desarrollo e historia**. Santafé de Bogotá: Ed. GELBO, 1998.

MILLER, Jacques-Alain. Os seis paradigmas do gozo. **Opção Lacaniana**. São Paulo: Eólia, jun, 2000, n. 26/27, p. 87-105.

MILLER, Jacques-Alain. A ex-sistência. **Opção Lacaniana**. São Paulo: Eólia, jun. 2002a, n. 33, p. 8-21.

MILLER, Jacques-Alain. O real é sem lei. **Opção Lacaniana**. São Paulo: Eólia, out. 2002b, n. 34, p. 7-15.

MILLER, Jacques-Alain. O último ensino de Lacan. **Opção Lacaniana**. São Paulo: Eólia, jan. 2003, n. 35, p. 6-24.

MILLER, Jacques-Alain. **La experiencia de lo real en la cura psicoanalítica**. Buenos Aires: Paidós, 2003. 416 p.

MILLER, Jacques-Alain. **Silet**: os paradoxos da pulsão, de Freud a Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. 334 p.

MILLER, Jacques-Alain. **Todo mundo é louco**. Décima-sétima lição do Curso de Orientação Lacaniana. 04/06/2008. Inédito. 12 p. (digitado).

MIRA, Vicente; RUIZ, Piedad; GALLANO, Carmen (ed.). **Conceptos freudianos**. Madrid: Editorial Síntesis, 2005. p. 92-108; 137-159; 221-227; 445-451; 473-486.



MNIESTRIS, Hélène. Seu papai não está lá... In: MILLER, Jacques-Alain *et al.* **Os casos raros, inclassificáveis, da clínica psicanalítica**: a conversação de Arcachon. São Paulo: Biblioteca Freudiana Brasileira, 1998. p. 50 – 54.

NOMINÉ, Bernard. **O sintoma e a família**: conferências belorizontinas. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise, 1997. 124 p.

PIMENTA, Paula Ramos. **Autismo: déficit cognitivo ou posição do sujeito?** – Um estudo psicanalítico sobre o tratamento do autismo. 2003. 150f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS. Pró-Reitoria de Graduação. Sistema de Bibliotecas. **Padrão PUC Minas de normalização**: normas da ABNT para apresentação de projetos de pesquisa. Belo Horizonte, 2007. Disponível em <<http://www.pucminas.br/biblioteca/>>. Acesso em: 05/06/2008.

QUINET, Antônio. **A causa analítica**. *Sl*, 1993. p. 1-12.

QUINET, Antônio. **Teoria e clínica da psicose**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. 238 p.

QUINET, Antônio (coord.); MARTINS, Glória Justo (org.). **Referências em Freud e Lacan sobre: destino, escolha, hereditariedade, tragédia e trágico**. Rio de Janeiro: Formações clínicas do Campo Lacaniano do rio de Janeiro, agosto de 2005. 144 p.

QUINET, Antônio. **Psicose e laço social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006. 237 p.

REZENDE, Antonio Muniz de. A investigação em psicanálise: exegese, hermenêutica e interpretação. In: SILVA, Maria Emília Lino da (coord.). **Investigação e psicanálise**. Campinas: Papirus, 1993. p. 103-118.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

SARMENTO, Maria de Fátima Almeida. O Sintoma nas estruturas clínicas. **Carrossel**. Salvador, v. 1, out/1997. p. 53-58.

SILVA, Eliane Mussel da. O recalque é algo diferente de uma rejeição. **Reverso**. Belo Horizonte, set. 1990, n. 29. p. 81-89.

SOLER, Colette. **La elección de la neurosis**. Conferencia dictada en Bruselas, en el marco de las “Conferencias del Campo Freudiano”. 1985. p. 113-130.

SOLER, Colette. O sujeito e o Outro I e II. In: FELDSTEIN, Richard; FINK, Bruce; LAANUS, Maire (orgs.). **Para ler o seminário 11 de Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p. 52-67.

SOLER, Colette. **El síntoma e el analista**. Formations cliniques du Champ lacanien. Collège clinique de Paris. Curso 2004-2005.

TEIXEIRA, Antônio. Forclusão generalizada: como é possível não ser louco? **Curinga**. Belo Horizonte: EBP-MG, n. 14, p. 60-65, abr. 2000.

TENDLARZ, Sílvia Elena. **De que sofrem as crianças?** A psicose na infância. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1997. p. 7-70.

VIDAL, Eduardo A. Comentários sobre “*Die Verneinung*”. **Revista Letra Freudiana: Die Verneinung** (A Negação), ano VII, n. 5. Rio de Janeiro, 1988. p. 16-31.

VORCARO, Ângela. **Desastre e acontecimento na estrutura**. Belo Horizonte, 2008. inédito. 43 p. (digitado).

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)